

UM EXCÊNTRICO ENCONTRO ANGLO-PORTUGUÊS:
ALEISTER CROWLEY E FERNANDO PESSOA.

*Lúisa Alves*¹

That which can be taught shall be taught, and that
which cannot be taught may at least be learnt.

Aleister Crowley, *Liber 777*.

.....
Meu ser essencial se perca em si,
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!

.....
Seja a morte de mim em que revivo;
E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!

Fernando Pessoa, *O Último Sortilégio*.

No ano de 1996 realizaram-se três mostras de uma exposição acerca de um dos mais enigmáticos episódios pessoanos: o encontro do poeta português com o mago inglês Aleister Crowley, em 1930. A primeira, em Janeiro, na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa; a segunda, em Junho, na Quinta da Regaleira, em Sintra; a terceira, em Outubro, no Museu Conde de Castro Guimarães, em Cascais. Este itinerário segue o percurso pessoano da visita de Crowley. O autor das fotomontagens e fotoficções expostas, Victor Belém, publicou um catálogo, *Fernando Pessoa versus Aleister Crowley*, e um livro, *O Mistério da Boca-do-Inferno*, no qual recolheu os textos e os estudos pertinentes e que constitui a melhor súpula sobre o assunto, até à data. Decorridos 67 anos, parece que o estranho caso começou finalmente a ser estudado em pormenor, embora muito haja ainda por decifrar na correspondência inédita. A este respeito, publiquei em Setembro de 1996 um primeiro artigo², de dimensão mínima, cujo desenvolvimento apresento em seguida. Aqui pretendo fazer o ponto

¹ Assistente Convidada na F.C.S.H. da U.N.L.

² "Aleister Crowley — Ensaçando o Equinócio Supremo", in *Volta ao Mundo*, n.º 23, p. 46.

da situação das teorias até agora apresentadas sobre o relacionamento entre estas duas personalidades *sui generis*, e apontar para a possibilidade de elas serem muito mais afins do que, à partida, se poderia imaginar.

1. O Encontro.

1.1. Os Factos.

Situemo-nos em 1930. No dia 2 de Setembro, desembarca em Lisboa o mago inglês Aleister Crowley, acompanhado de uma jovem alemã, Hanni Jaeger. No cais espera-o Fernando Pessoa. Os dois visitantes estiveram num hotel da capital (L'Europe) e em dois no Estoril (Paris e Miramar). Sabe-se que Crowley esteve também em Sintra. O registo de saída de Ms. Jaeger indica que ela deixou o país de barco no dia 20 e o de Crowley que ele o fez de comboio a 23. No dia 25 é encontrada uma carta para Hanni com uma cigarreira de motivos egípcios nos rochedos da Boca do Inferno, em Cascais. Parecia tratar-se de uma nota de suicídio do mago.

Pessoa é chamado à polícia para decifrar a carta e dá algumas explicações que adensam ainda mais o mistério, assegurando ter visto Crowley no dia 24, em Lisboa. Depois de grande alarido na imprensa nacional, a imprensa internacional faz-se eco do sucedido, e coloca-se a hipótese de homicídio. A Scotland Yard investiga. No início de Dezembro, Crowley reaparece em público, em Berlim, acompanhado de Hanni, na inauguração de uma exposição de pintura da sua autoria. Oficialmente Pessoa manteve sempre a sua versão do desaparecimento, embora em privado confessasse continuar a corresponder-se com o mago:

“O Crowley, que depois de se suicidar, passou a residir na Alemanha, escreveu-me há dias”.³

1.2. As Interrogações.

Que se terá passado ao certo? Uma farsa, um ritual mágico ou um engodo? Quais as intenções dos protagonistas? Por que motivos nem um nem outro esclareceram o caso? Que interesse poderia ter tido Pessoa em ver-se envolvido num acontecimento deste género? A estas perguntas procuraram dar resposta vários estudiosos pessoanos, que têm vindo a investigar a faceta ocultista do poeta. No entanto, há que ter também em conta o universo crowleyano, pouco conhecido e menosprezado pela generalidade dos eruditos. Em Portugal, Crowley permanece na obscuridade. Assim, não me parece deslocado dar-lhe um pouco de atenção. Começemos, pois, por abordar a sua vida, pensamento e obra.

³ Carta a João Gaspar Simões, de 5 de Outubro de 1931.

2. Crowley.

2.1. Vida e Obra.

Edward Alexander Crowley (auto-designado Aleister, que é a tradução galesa de Alexander) nasceu em 12 de Outubro de 1875, numa família da burguesia abastada de Lemington Spa, no Warwickshire. Os pais eram membros da Plymouth Brethren, uma seita puritana, mas até à morte do pai, em 1887, a infância foi razoável, pois este não era fanático e tinha até um certo sentido de humor⁴. Só depois começou o calvário do jovem Edward. A mãe, Emily Bishop, era muito intransigente e enviou o filho para um colégio interno da Irmandade, em Cambridge. As descrições da educação vitoriana nas novelas de Dickens ajustam-se perfeitamente à crueldade com que ali eram tratadas as crianças. Entre penitências várias, orações forçadas, e múltiplos maltratos, Crowley terá aqui começado a odiar o cristianismo. A sua saúde ficou seriamente afectada, sobretudo os rins, e esteve quase a morrer várias vezes, sendo depois transferido para outro colégio em Malvern, onde era maltratado pelos colegas por ser tão fraco. Acabou por ter de estudar em casa com professores particulares. Com a ajuda preciosa de um deles começou a praticar desporto — correr, andar de bicicleta — e descobriu uma das suas grandes paixões, o alpinismo, a modalidade desportiva que melhor alia a tenacidade ao misticismo. A pouco e pouco, e aqui nota-se já a sua enorme e característica força de vontade, vai ficando um adolescente bastante forte com quem, na altura de ingressar na faculdade, no Trinity College de Cambridge, ninguém se metia a brigas.

Desde miúdo que se lhe notava inteligência e capacidade de aprendizagem acima da média. Gostava das ciências exactas e naturais, de escrever versos e de jogar xadrez. Quando descobre o vinho e as mulheres, que com o seu feitio irreverente exhibia despudoradamente, a mãe passou a apelidá-lo de “the Beast”, nome que *a posteriori* usaria com orgulho e intento provocadores. Entusiasmado, astuto, embora indisciplinado, não chegou a terminar a licenciatura em ciências, mas esmerou-se no estudo do latim, grego e hebraico. Foi também campeão de xadrez e *whist* e praticante de patinagem e canoagem. Autodidacta por excelência, opta por “devorar” centenas de livros, em vez de ir às aulas. Politicamente considerava-se um *high tory* romântico e pensa seguir a carreira diplomática, de modo a contribuir para um novo entendimento internacional. Confessa ter participado em segredo numa tentativa de restauração da monarquia em Espanha e ter recebido o título de cavaleiro das mãos de D. Carlos, episódio até hoje nunca provado. Nesta época conhece Edward Kelly, mais tarde presidente da Royal Academy, e Oscar Eckenstein, famoso

⁴ Edward Crowley publicou: *Cease to do Evil; learn to do well. A word to Christians*, 1861; *The Plymouth Brethren-so called. Who they are-their creed-mode of worship & c. Explained*, 1867, e *Why, Sir, it's better and better, With a word to the striving one, the doubting one, the happy one*, 1865.

alpinista e seu treinador, os dois únicos amigos que manteve para o resto da vida.

Herdou uma fabulosa fortuna aos vinte anos e dedicou-se às viagens e ao alpinismo, tendo chegado quase ao topo da assassina montanha K2, nos Himalaias. Na Índia, aprende a caça grossa, mostrando uma invulgar pontaria, raramente falhando um tiro, e tendo como principal proeza ter morto três leões com três tiros seguidos. Ao mesmo tempo, vivia na boémia, divertindo-se com o escândalo que isso provocava. Identificava-se com o decadentismo, e é esta a fase mais satânica da sua existência, à maneira de Byron e de Baudelaire ⁵. A partir de 1896 publica os seus poemas em esmeradas edições de autor, com o subtítulo “by a genleman of the University of Cambridge” ⁶. Principais influências poéticas: Rossetti e Swinburne.

No entanto, e paralelamente, tem as suas primeiras experiências místicas, adquirindo uma componente de procura metafísica que nunca o vai abandonar — o estudo das religiões e do ocultismo. Em 1898, depois de muitas pesquisas sobre alquimia e contactos com ocultistas e cientistas, ingressa na Hermetic Order of The Golden Dawn, de origem rosicruciana, à qual o então Grão-Mestre, S. L. Matthers, havia juntado o uso do Tarot, da Cabala, da magia egípcia e das tradições secretas medievais. Toma o nome de “Frater Perdurabo” (“Aquele que Perdura”) e sobe rapidamente na escala iniciática, à mesma velocidade que suscita a animosidade dos seus irmãos na Ordem. Crowley respondia-lhes com desprezo, pois estava certo de que nada podia aprender com eles; assim, relacionava-se apenas com Matthers, e a admiração, durante algum tempo, foi recíproca. Para além de tudo, a provocação e a transgressão entusiasmavam-no. William Yeats, Arthur Machen e Algernon Blackwood, entre outros, não aprovavam o seu estilo de vida, pois Aleister, para além de esbanjar dinheiro com companhias pouco recomendáveis, vivia nessa altura a sua primeira ligação homossexual. Tornou-se famosa a sentença de Yeats: “A mystical fraternity is not a moral reformatory”. Mais tarde, veio a saber-se que Crowley nunca perdoaria a Yeats o pouco apreço a que votava a sua poesia. Cada vez que assumia um novo nome usava indumentária a condizer. Nesta fase publicava sob o pseudónimo de “Count Vladimir Svareff”, um aristocrata dissoluto, cuja arrogância prometaica irritava bastante alguns críticos literários ⁷.

A procura incessante da Verdade leva-o a um comportamento obsessivo e a frequentes estados de depressão. Encontrará em Alan

⁵ Crowley traduziu e ilustrou *Little Poems in Prose* de Baudelaire.

⁶ Os títulos são: *White Stains*, *Aceldama*, *In Residence*, *The Tale of Archais*, *An appeal to the American Republic* e *Jephtah*. Alguns poemas foram seleccionados para uma colectânea: *Cambridge Poets 1900-1913. An Anthology*. V. pp. 46-67.

⁷ V. *The Poem*, *Songs of the Spirit*, *Jezebel*, *The Mother's Tragedy*, *Tannhäuser*, *Ahab*, *The Star and the Garter*, *The Soul of Osiris* e ainda *Carmen saeculare*, [assinado] by St. E.A. of M. and S. e *Clouds without Water*, [assinado] by Rev. C. Verey.

Bennett o Mestre por quem tanto suspirara. Entre muitas outras coisas, com ele aprenderá o uso de drogas para expandir os estados de consciência ⁸. A Golden Dawn instruiu a Alta Magia, uma via para a obtenção da Supraconsciência, através de dez graus iniciáticos baseados nos sefirotos da “Árvore da Vida” da Cabala. O iniciado precisava de seguir treinos e rituais específicos, que a Crowley pareciam insuficientes. Dedicará grande parte da sua vida à busca do método mais perfeito, com uma persistência científica invejável. Convém não esquecer a formação científica de Crowley, pois o seu principal objectivo era converter a magia em ciência, pesquisando, testando, analisando e indexando tudo o que era tido como oculto e tabu. Não por acaso tem sempre presentes os limites da cientificidade na maioria destas questões, recomendando aos seus estudantes que tenham em conta a experiência individual. Neste âmbito, Crowley é um digno continuador da mentalidade progressista vitoriana — à crença na indústria e na tecnologia juntava o estudo dos poderes da mente humana. Só passados alguns anos entenderia que a Verdade não se alcança pela razão.

O passo seguinte foi a prática da magia cerimonial, que incluía a operação de “Abra-Melin”, na qual se pretende o contacto com o “Santo Anjo da Guarda”. Para conseguir o isolamento requerido compra a Matthers uma mansão nas margens do Loch Ness, em Boleskine, na Escócia. Intitula-se então Aleister MacGregor. Na Golden Dawn o ambiente não era pacífico e Yeats nega-lhe o grau de Adeptus Minor. Recorre a Matthers, que entretanto se mudara para Paris, que lhe concede o grau, provocando uma revolta nunca vista e a sedição definitiva da Ordem.

A seguir viaja para o México e Estados Unidos ⁹ e depois pelo Ceilão e Índia, onde estuda yoga, tantrismo, hinduísmo e budismo. Desenvolve a auto-iniciação, mas, insatisfeito com os resultados, fica brutalmente deprimido. Visita Matthers em Paris e dá-se a ruptura entre os dois, visto que este desprezava os métodos orientais. Nesta altura, o impacte do Oriente, sobretudo a crença na reencarnação, era quase uma moda em práticas tão em voga como o espiritismo, a teosofia e, posteriormente, a antroposofia. Aleister toma a decisão de se afastar da magia, vivendo a boémia parisiense até à exaustão. Do círculo cultural conhece, entre outros, Marcel Schwob, Arnold Bennett, Paul Gauguin, Auguste Rodin ¹⁰ e Somerset Maugham, que com *The Magician*, de que adiante falaremos, danificou seriamente a sua já má reputação de gabarola, prepotente e rancoroso.

⁸ Crowley escreveu sobre estupefacientes antes de Aldous Huxley. V. *A Pharmaceutical Study of Cannabis Sativa*, 1909.

⁹ Um caso amoroso em Honolulu é relatado em *Alice, an adultery*, uma série de sonetos.

¹⁰ Desta colaboração resultaram *Seven Lithographs by Clot form the Water-Colours of Auguste Rodin, with a chaplet of verse by Aleister Crowley* e a ilustração por Rodin da trilogia *Rosae* (V. nota 18).

De retorno à Escócia, "The Laird of Boleskine" pesca, joga golfe e estuda neurologia, no intuito de chegar a uma resposta racionalista. Casa-se com Rose Kelly, por quem se apaixona, vivendo momentos de grande felicidade. Partem em lua-de-mel numa volta ao mundo. No Cairo apresenta-se como "The Prince Choa Khan of Persia". É aqui que ocorre o acontecimento mais extraordinário da sua vida. Em Abril de 1904 recebe a revelação do deus Hórus, através do seu anjo da guarda, Aiwass. Durante três dias escreve em transe *The Book of the Law*, onde se proclama o início de um novo relacionamento de Deus com a humanidade. Havia ocorrido o equinócio dos deuses ¹¹, e o Aeon de Osíris tinha sido substituído pelo de Hórus. A missão de Crowley era ser o Profeta desta nova Era e desempenhar o papel da Besta 666 da *Bíblia* ¹². A nova lei é de tal forma radical que o intimidou, e ele tentou esquecer tudo o que se passara durante cinco anos. Não lhe agradava transformar-se num guru ¹³, porém informa Matthers de que agora era ele o escolhido pelos mestres ocultos, o que aumenta ainda mais a animosidade com os ex-irmãos da Golden Dawn. De volta a Boleskine forma a sua própria editora com o nome de "The Society for the Propagation of Religious Truth", que representa um ponto de viragem na escrita de Crowley, ao dar primazia aos estudos espirituais, passando a literatura para segundo plano ¹⁴. *The Sword of Song* junta poemas e ensaios, e provocará uma acesa polémica com G. K. Chesterton, que entendia mal a extravagância de Crowley em proclamar-se 666, o homem anticristão ¹⁵.

Em 1905 está saturado da vida que leva e parte para o Norte de África, China e Índia. O conhecimento de doze línguas facilita-lhe a recolha, estudo e unificação das tradições ocultas: sufismo, taoísmo, zen, I Ching (que foi o primeiro a divulgar no Ocidente) Tarot e simbolismo ¹⁶. Torna-se amigo do capitão Fuller, autor de uma obra encomiástica patrocinada pelo objecto do encómio ¹⁷.

Em termos pessoais, a felicidade conjugal terminara. Após o falecimento da filha primogénita e do nascimento da segunda, a

¹¹ A teoria da precessão dos equinócios está na origem da designação das Eras, períodos de aproximadamente 2000 anos, tempo que o ponto vernal demora a percorrer um signo zodiacal. Embora com algumas diferenças, aos Aeons das divindades egípcias Ísis, Osíris e Hórus correspondem as Eras de Aries, Pisces e Aquarius ou as Idades do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

¹² V. *Apocalipse*, 13, 11-18.

¹³ Ironicamente, a definição de "guru" aplica-se na íntegra a Crowley — do sânscrito, "aquele que faz sair luz da escuridão", através da busca, revelação, doutrina e ensino. V. STORR, A., *Feet of Clay. A Study of Gurus*, London, Harper Collins, 1996.

¹⁴ V. *The Argonauts, Why Jesus Wept, Knox Om Pax, The Book of Goetia, The God Eater, Gargoyles, Oracles, Orpheus, The Star and the Garter e An Essay on Ontology*, [assinado] by Mahatma Guru Sri Paramahansa Shivaji.

¹⁵ V. *The Sword of Song, called by the Christians The Book of the Beast e Mr. Crowley and the Creeds and the Creed of Mr. Chesterton*.

¹⁶ Um dicionário comparativo universal de simbolismo é a grande obra desta época: *Liber 777*.

¹⁷ V. *The Star in the West: a critical essay upon the works of Aleister Crowley*.

mulher torna-se alcoólica, exigindo o divórcio e suicidando-se algum tempo depois. Parece não haver dúvida de que Crowley lhe devotou um grande amor, conforme se pode verificar na trilogia de poemas dedicada a ela ¹⁸.

Prossegue na descoberta da magia: a operação “John St. John”, os trabalhos de “Abuldiz” e “Amalantrah”, etc. Em 1909, no deserto do Sara atinge o grau de Magister Templi ¹⁹, passando a usar o nome de “To Mega Therion” (“A Grande Besta Selvagem”) ²⁰ e assume a incumbência do *Liber Legis*, iniciando um projecto inovador — cria uma Ordem iniciática para substituir a prática da Golden Dawn, chamada Astrum Argenteum, e acompanha-a com o lançamento de uma revista em que divulgaria a teoria iniciática — *The Equinox* ²¹ — onde se encontra a maioria dos escritos esotéricos publicados em separado posteriormente. A ideia de Crowley era divulgar às massas aquilo que até então era sectário e restrito. A consequência imediata foi um processo posto por Matthers, que o acusava de revelar segredos dos rituais da Golden Dawn. Ao contrário do que viria a ser hábito no futuro, este processo foi ganho por Crowley. Em 1910, num intuito de revitalizar a religião, promove uma performance inspirada nos “Ritos do Eleusismo”. A imprensa catalogou-a de blasfema, luxuriosa e depravada. O famoso “Hino a Pã” fazia parte da cerimónia, que é, ao fim e ao cabo, uma missa gnóstica ²².

A partir de então ele sabe que a essência da magia é una e apenas difere na forma, consoante as culturas:

“all systems of magical doctrine [were fñ] harmonious relation. The symbolism of Asiatic cults; the ideas of the Cabbalists, Jewish and Greek; the arcana of the Gnostics; the pagan pantheon, from Mithras to Mars; the mysteries of ancient Egypt; the initiations of Eleusis; Scandinavian saga; Celtic and Druidical ritual; Mexican and Polynesian traditions; the mysticism of Molinos no less than that of Islam, fell into their proper places without the slightest tendency to quarrel. The whole of the past Aeon appeared in perspective and each element thereof surrendered its sovereignty to Horus, the Crowned and Conquering Child, the Lord of the Aeon announced in the *Book of the Law*” ²³.

¹⁸ V. *Rosa Mundi, Rosa Coeli e Rosa Inferni*, [assinados] by H.D. Carr. William B. Yeats tinha publicado em 1897 dois contos, *The Secret Rose e Rosa Alchemica*, este último traduzido em português com o mesmo título, Tempus Editores, 1997.

¹⁹ A experiência é relatada em *The Vision and the Voice*, reintitulado *The Heart of the Master*, [assinado] by Khaled Khan.

²⁰ As suas companheiras passarão a usar o título de “Mulher Escarlate”, V. *Apocalypse*, 17,4.

²¹ *The Equinox* foi publicada nos equinócios dos anos de 1909 a 1913: 1 volume, 10 números.

²² V. *The Rites of Eleusis, by the Master Therion*. Arthur Machen escrevera anos antes o conto *The Great God Pan* (trad. port. *O Grande Deus Pan*, Lx., Vega, 1986).

²³ in *The Vision and the Voice*, s.l., s.e., s.d., p. 85.

Em 1912 recebe a visita de Theodor Reuss, dirigente da Ordo Templo Orientis, de tradição maçónica. Torna-se o superior da Loja Mundial de Língua Inglesa²⁴, assumindo o nome de “Baphomet”, o símbolo da androginia alquímica que a Igreja considerava satânico e provocou a destruição dos templários originais²⁵. A partir deste momento abandona o projecto da Ordem A. A. em favor da O.T.O., doando a mansão de Boleskine para sede. Os conhecimentos de magia sexual, que adquirira inicialmente com o tantrismo, passam a ser a disciplina mais importante.

Em 1913 já dissipara a fortuna e começa a sofrer de problemas financeiros. Organiza uma companhia de teatro, “The Ragged-Rag Time Girls”, onde surge como mágico de palco, “The Great Mysterioso”. O sucesso na *tournée* pelo leste europeu foi considerável e as receitas aproveitadas para mais publicações²⁶.

No início de 1914, uma flebite debilita-lhe a perna esquerda de tal forma que teve de abandonar o alpinismo para sempre. Com o deflagrar da guerra, oferece-se para ajudar o seu país no que fosse preciso; no entanto, a colaboração é rejeitada por causa da sua má reputação. Desgostoso, parte para os Estados Unidos, onde terá uma actuação assaz peculiar, insultando duplamente a Inglaterra, ao proclamar a independência da Irlanda em cerimónia pública na Estátua da Liberdade, aquando da revolta do Sinn Fein, e ao defender o Kaiser em longos e palavrosos artigos num jornal pró-alemão, *The International*²⁷, de que se torna director. Por incrível que pareça, no final da guerra, não teve problema algum no regresso a casa e, a quem o acusava de traição, explicava que a sua actuação fora uma artimanha com o intuito de ridicularizar os alemães de tal forma que os americanos perdessem a paciência e entrassem no conflito, ao lado dos ingleses. Daqui surgiu a teoria de que trabalhava para os Serviços Secretos como agente duplo, o que ele próprio veio a confirmar em 1929²⁸. Também colaborou com o Departamento de Justiça dos E.U.A., embora os seus sentimentos em relação à sociedade americana não fossem os melhores²⁹.

²⁴ V. *Liber Oz vel LXXVII, The Manifesto of the Mystera Mystica Maxima, Ordo Templi Orientis*.

²⁵ Alguns historiadores afirmam não estar provado tal culto. Assim sendo, a motivação para o extermínio dos templários teria sido política e não religiosa, o que não exime a Igreja dos seus crimes, mas desvaloriza a tradição secreta da Ordem do Templo. V. BARBER, M., *The New Knighthood. A History of the Order of the Temple*, Cambridge, C.U.P., 1994.

²⁶ V. *Liber cccxxiii, Book Four, Hail Mary, Amphora, The Winged Beetle, Liber Trigrammaton, Mortadello, Sir Palamedes, Household Gods, Songs for Italy, The City of God e Fun of Fair*.

²⁷ O êxito dos artigos foi tal entre os germânicos que tiveram direito a publicação na Alemanha: *Das Geseicht Englands, beleuchtet von einem Engländer*, 1915.

²⁸ V. STEPHENSEN, P., REGARDIE, I., *The Legend of Aleister Crowley*, Las Vegas, New Falcon Press, 1990, pp. 105-111.

²⁹ V. *Art in America*, 1913 e *Chicago May*, 1914. Editou ainda as cartas de Henry Clifford Stuart em 1916, *A prophet in his own country*, e uma peça dramática, *The Saviour*, em 1918.

Paralelamente passava por grandes dificuldades. A asma, de que padecia desde 1905, obriga-o a recorrer à heroína, um dos poucos alívios existentes na época, mas fica viciado. Entretanto, alguns aproveitam-se do seu trabalho, como Evangeline Adams, que ganha fama à custa dos seus estudos astrológicos. Começa a pintar em estilo expressionista. Depois de atingir o grau de Magus, em 1915, a depressão e a pobreza levam-no ao desespero. Cada vez que sofria a mistura de errância, miséria e más companhias assumia-se como “The Wanderer of the Waste”; só que deixa de acreditar nele próprio e resolve abandonar a magia em definitivo. Tendo em conta que sempre defendeu que o sucesso depende da vontade e da acção do homem e não da graça divina, posteriormente desabafaria: “this action is the only one of my life I’m really ashamed of”³⁰. In extremis, é socorrido por amigos e volta ao trabalho. Para dar cumprimento ao cargo de Magus³¹, logo em 1916 redige a Lei de Telesma, uma aplicação prática dos novos conceitos revelados, **Vontade e Amor**, e em 1919, após ter recebido a herança da mãe, forma uma Abadia Telesmita em Cefalú, na Sicília³². Em 1918 termina o *Liber Aleph*, uma sistematização da sua sabedoria, e a tradução do *Tao The King*. No ano seguinte reinicia *The Equinox*, mas só é posto à venda o primeiro número.

Já no ano de 1921 faz o juramento do derradeiro grau iniciático — Ipsissimus — correspondente à união total com Deus. Publica *Diary of a Dope Fiend*, cujas críticas se transformariam na mais feroz campanha de imprensa algum dia vista. As mortes da terceira filha (de Aleister e Leah Hirsig) e de um amigo, Raoul Loveday, fazem que o escândalo alastre e Mussolini o expulsa de Itália, em 1923. Vai para a Tunísia e depois volta a Paris, onde conhece Katherine Mansfield e Gurdjiev, e redige a sua autobiografia³³.

Em 1925 assume a chefia mundial da O.T.O. na Alemanha, e especula-se sobre a ligação da Ordem a Hitler, que a proíbe em 1936. Passa a ser “World Teacher”, recrutando discípulos em todo o mundo. No ano de 1929 casa-se com Maria Teresa de Miramar, após a expulsão de França³⁴ por desentendimentos com as autoridades. Depois é a partida para a Tunísia, a vinda a Portugal, o divórcio e a residência na Alemanha, onde conhece Aldous Huxley e Montague Summers. A editora Mandrake Press é o projecto escolhido para o

³⁰ Citado por Gerald Suster, *The Legacy of the Beast*, Maine, Samuel Weiser, 1989.

³¹ Segundo a tradição esotérica, Magus é aquele que recebe o poder da palavra de Deus e deve transmiti-la aos homens. Ao longo dos tempos, terão existido apenas sete Magi que originaram as sete grandes religiões mundiais: Lao Tzé, Taoísmo; Thot, Culto Egípcio; Krishna, Vedanta; Buda, Budismo; Moisés, Judaísmo; Jesus, Cristianismo e Moamé, Islamismo. Para os Telesmitas, a “Besta” é o oitavo. V. *Apocalypse*, 17,11.

³² Na criação desta comunidade detectam-se claras influências de *Gargantua* de François Rabelais.

³³ V. *The spirit of solitude. An autohagiography. Subsequently re-antichristened The Confessions of Aleister Crowley*, 1929.

³⁴ A obra mais conhecida de Crowley, *Magick in Theory and in Practice*, foi publicada em Paris, em 1929.

ilibrar perante a opinião pública, mas não dá resultado, devido à rejeição das livrarias, e vai à falência ³⁵.

No regresso a Londres envolve-se numa batalha judicial tremenda, destinada a defender o seu nome, mas vai perdendo processo atrás de processo. Da relação com uma admiradora tem o único filho varão, Aleister Ataturk. Muda constantemente de residência, devido aos credores; mesmo assim, em sua casa acolhia sempre quem o procurava e relacionava-se com os artistas e intelectuais mais irreverentes. Em 1935 é declarado insolvente e terá de viver à conta de expedientes (elixires e cursos de rejuvenescimento) ou sustentado por confrades. Até ao fim da vida, a O.T.O. ocupou-se da publicação dos seus escritos. Apoiou determinadamente a Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, usando a magia, como veremos ³⁶.

"The Old Man", alcunha usada pelos discípulos, veio a morrer no dia 1 de Dezembro de 1947, numa residencial de Hastings. Os últimos anos foram passados a escrever ³⁷, a receber seguidores e a elaborar um monumental estudo do Tarot ³⁸. Designou a O.T.O herdeira oficial, John Symonds testamentário editorial e Gerald Yorke guardião do espólio. Faleceu de crise cardíaca, minado pela asma e pela heroína. Tinha 18 £ no bolso. O funeral pagão em Brighton foi o derradeiro banquete para a imprensa de escândalos ³⁹. Nas duas décadas seguintes o seu nome quase caiu no esquecimento.

2.2. Lenda e Influência.

Aleister Crowley foi, de facto, uma das figuras mais portentosas deste século. Precursor genial da modernidade, mas dominado pela soberba, poucos esforços fez para se conciliar com as convenções sociais e, por isso, permitiu o aparecimento de uma lenda tenebrosa que o tornou numa figura indesejável, mesmo no país que mais tolera a excentricidade. Talvez melhor do que ninguém, congregou em si uma mistura explosiva dos três grandes mitos do individualismo moderno: Dr. Faustus, D. Quijote e D. Juan ⁴⁰.

Embora uma parte da má reputação se deva à sua quase total falta de tacto, aliada a um humor cínico e corrosivo a lembrar Ambrose Bierce, na maioria tratou-se de uma perseguição jornalística ímpar, movida pelo *Sunday Express* e pelo *John Bull*, sobretudo a partir de

³⁵ Para além de *The Confessions*, a Mandrake editou ainda *The Stratagem*, *Moonchild*, e *The Legend of Aleister Crowley*. *The Stratagem* e *Liber 777* faziam parte da biblioteca de Pessoa.

³⁶ Os escritos de Crowley de apoio aos Aliados são numerosos: *England Stand Fast!*, *La Gauloise*, *Temperance*, *Thumbs up!* e *The Scientific Solution for the Problem of Government*, [assinado] by the Comte de Fénix.

³⁷ V. *Eight Lectures on Yoga*, *The Equinox of the Gods*, *Liber ii*, *The Law of Liberty*, *Little Essays Towards Truth*, *The Law is for All*, *Magick Without Tears* e *The Mongolian Master and his disciple*, [assinado] by Frater Om.

³⁸ V. *The Book of Thoth*, com ilustrações de Lady Frieda Harris.

³⁹ V. *The Last Ritual*, 5 December 1947.

⁴⁰ V. WATT, I. *Myths of Modern Individualism*, Cambridge, C.U.P., 1996.

ESTAMPA 1



Aleister Crowley

Diary of a Dope Fiend, um romance que foi interpretado como uma incitação ao livre uso de drogas, quando pretendia exactamente o oposto — um método racional de aproveitamento e desintoxicação.

Para a lenda negra contribuiu também Somerset Maugham e o seu romance *The Magician*, de 1908⁴¹. O protagonista é um Crowley exagerado, ao ponto de ser disforme, um monstro, tanto em termos físicos como morais. Apontado como uma figura gótica, mistura de Drácula com Dr. Frankenstein, a reacção impiedosa de Aleister não se fez esperar: adoptou como pseudónimo o nome da personagem, Oliver Haddo, e assinou uma crítica jornalística demolidora na revista *Vanity Fair*.

Situação algo idêntica acontece com outro romance, do italiano Vicenzo Consolo, *Nottetempo, Casa per Casa*, de 1992, embora o autor tenha compreendido o mago muito melhor do que S. Maugham. Temos ainda o megalómano e provocador teatral, a besta orgiática e diabólica, mas também um ser desgraçado e patético, consumido pela frustração de nunca atingir a tão procurada totalidade. A Abadia de Cefalú, "l'alienazione moderna che irrompe nel mondo arcaico"⁴², vai chocar directamente com a ascensão do fascismo, levando o Duce a ordenar a expulsão dos telesmitas. Mesmo assim, Marco Pasi, o primeiro estudioso a fazer uma tese de doutoramento sobre Crowley, insiste na teoria de que tanto ele quanto Pessoa eram fascistas e se encontraram por motivos políticos⁴³. Adiante terei oportunidade de me referir à carência de fundamento desta hipótese.

Na actualidade é fácil encontrar publicações sobre matérias esotéricas, mesmo nas revistas mais populares, bem como livrarias e editoras especializadas, algo que Crowley gostaria de ter visto. Consultando a Internet, temos acesso a uma nova Mandrake Press, em Oxford, com mais de 100 títulos de bibliografia crowleyana⁴⁴, incluindo as actas de 10 congressos telesmitas, um cd com gravações do mago a recitar poemas e a proferir invocações, e um talismã com a marca 666. São também numerosas as obras de ficção que têm A. C. como personagem ou protagonista. Espalhada pelo mundo, existe uma dezena de Ordens iniciáticas que se reclamam continuadoras da sua doutrina. No movimento New Age, conhecido como a religião da moda, identificam-se semelhanças quanto à abrangência mística e à explicação cósmica. No final do século xx, Crowley atravessa o seu período de glória, tanto que a maioria das obras esotéricas está reeditada. Em relação à obra poética, talvez venha a ser popular nos

⁴¹ Existe tradução portuguesa: *O Mago*, ed. Livros do Brasil, s.d. Foi passado ao cinema com Anthony Quinn no protagonista.

⁴² in *Nottetempo*, Milano, Arnaldo Mondadori, p. vi. Existe tradução portuguesa: *De Noite, Casa por Casa*, ed. Teorema, 1996, que não inclui o interessante prefácio de Antonio Franchini, que citamos.

⁴³ Reportamo-nos às transcrições de Victor Belém, in *O Mistério da Boca-do-Inferno*, Lx., Casa Fernando Pessoa, 1996, pp. 60-64, visto não termos tido acesso à dissertação intitulada *Aleister Crowley — tra trasgressione e tentazione politica*.

⁴⁴ A última publicação até à data é de Agosto deste ano. Trata-se de uma biografia de Snoo Wilson, intitulada *I, Crowley, Almost the last confession of the Beast*.

anos vindouros, sobretudo se surgir no mercado um estudo de monta⁴⁵.

Profeta ou não (os seguidores acreditam que sim, os amigos acreditavam que não) Crowley foi um visionário, muito avançado para a época em que viveu, pois este fenómeno de aceitação é recente. Desde missas negras, com a adoração do Diabo, até acusações de violações, canibalismo, torturas, feitiçaria, filiação no Ku Klux Klan e no nazismo, ou até dos mais prosaicos roubos, extorsões e chantagens, de tudo acusaram A. C. O homem estava longe de ser perfeito e foi frequentemente insensível e vingativo. Mas não é justo destruí-lo sem ter lido a sua obra, e ocorre que quase todas as opiniões acerca do seu carácter ou acções nascem envenenadas pela ignorância e o preconceito⁴⁶. A força desta lenda é tal que se reflecte em situações dos nossos dias. Os biógrafos de Fernando Pessoa sentem-se incomodados com o relacionamento entre as duas figuras, e a tentação é cair no maniqueísmo de santificar um e demonizar o outro. Para citar um exemplo corrente, há poucos meses, Vicente Jorge Silva afirmava ter sido criticado por “um grande amigo [...] um dos meus gurus intelectuais”, quando se interessou por este obscuro episódio pessoano⁴⁷. Muitos estudiosos estão pouco à vontade com o ocultismo de Pessoa, menos ainda com Crowley à mistura. Neste aspecto limitam-se a seguir o *mainstream* académico internacional⁴⁸, pois compreender Crowley é do domínio do hermetismo e da contracultura. As normas de educação e os padrões de comportamento tradicionalmente ingleses advogam a repressão das emoções e a contenção nos sentimentos. Só no final dos anos 60, a geração *hippie* se identificou com as ideias e as vivências do mago. Vejamos os três principais lemas da doutrina telesmita:

- DO WHAT THOU WILT, THAT WILL BE ALL OF THE LAW;
- EVERY MAN AND EVERY WOMAN IS A STAR;
- LOVE IS THE LAW, LOVE UNDER WILL.

São visíveis as influências de Jung, aplicadas no quotidiano pelos psicoterapeutas, mas também de Nietzsche, nomeadamente as crenças no triunfo da vontade, no superhomem para além do Bem e do Mal, e na teoria do eterno retorno, sintetizada em “Vive da forma que queiras, assim viverás em toda a eternidade”⁴⁹.

⁴⁵ Em 1967, D. F. Rivers publicou *Aleister Crowley: a bibliographical list*, onde aparece mais de uma centena de títulos. Ocorre que só está reeditada uma reduzida parte das obras de ficção, daí a aparente incongruência no número de títulos actualmente disponível no mercado. As colectâneas estão há muito esgotadas: *The Works of A.C.* (1905); *Ambergis* (1910); e *Olla* (1946).

⁴⁶ Em Portugal uma das poucas excepções é *A magia que tira os pecados do mundo* de Alberto Pimenta, Lx., Cotovia, 1995.

⁴⁷ in jornal *Público*, 18/5/97, p. 9; Cf. *Público*, 11/5/97, p. 9.

⁴⁸ O seu nome continua a não constar nas enciclopédias nem no *Dictionary of National Biography*.

⁴⁹ V. o estudo de Raúl Proença, *O Eterno Retorno*, Lx., 2 Vols.; Vol. 1. Ed. B.N., 1987; Vol. 2, Ed. B.N.L./I.N., 1994.

Também não é difícil estabelecer ligações com a *pop revolution*: individualismo (vontade e liberdade) popularização da cultura (globalização) autenticidade e inconformismo (*underground versus establishment*) igualdade entre sexos, assunção da sexualidade e do prazer (seja homo ou heterossexual) sentimentalismo e supremacia do amor (poder universal que une ao outro e à divindade). Foram ainda os jovens desta geração que transformaram em modas no Ocidente dois interesses de Crowley — o Oriente e o antigo paganismo. Por outro lado, parte da doutrina crowleyana de libertação sexual e uso de drogas foi adoptada por aqueles cujo dinheiro e estilo de vida o permitiam, sobretudo as estrelas da música rock (*sex and drugs and rock & roll*).

Foi sobretudo o supergrupo de rock inglês Led Zeppelin e o seu guitarrista e mentor, Jimmy Page, quem mais ajudou à divulgação de A. C. Depressa foram arrastados pela má fama da personagem e se criou a lenda negra dos Led Zeppelin — dizia-se que tinham um pacto com o Diabo, o que explicava o enorme sucesso, e que faziam missas negras e orgias com as fans. O cúmulo deu-se com a morte do baterista, apontada como parte da maldição, que provocou o fim do grupo. Na verdade, acontece que James Patrick Page é provavelmente o maior colecionador mundial de objectos e obras do mago. Comprou Boleskine Mansion⁵⁰, e abriu uma livraria esotérica, a que chamou The Equinox, onde se exibiam e vendiam livros raros, vestes e outros objectos do mago. Mas, como ele próprio reconheceu, a influência de Aleister é bem mais psicológica do que hedonista:

“What I can relate to is Crowley’s system of self-liberation in which repression is the great work of sin. [...] It may take a little while to work out what that [the true will] is, but when you discover it [...] there’s no doubt you’ll succeed”.⁵¹

Fernando Pessoa tinha uma interpretação análoga:

“In immediate appearance, the formula is a simple call to licence in all ways. But if it be understood that Will means the soul true Will, the whole is changed, for the soul cannot rightly desire that which is its bondage, as licence is. The formula in its essence is, find out what you are; find out what you are wants; do what you want as such as you are”.⁵²

⁵⁰ É óbvio que faz parte da lenda crowleyana o poder de assombrar casas. No caso de Boleskine, essa fama data do século XVII, quando era uma igreja e um incêndio matou toda a congregação. Acrescente-se um *fait-divers* lisboeta: foi-me garantido por funcionários da Casa Fernando Pessoa que “o ambiente nunca mais foi o mesmo” depois da exposição sobre Crowley.

⁵¹ in MYLETT, Howard, *Jimmy Page, Tangents within a Framework*, London, Omnibus Press, 1983. pp. 70-71. Entre as numerosas biografias dos Led Zeppelin a mais responsável pela lenda negra é *Hammer of the Gods — The Led Zeppelin Saga* de Stephen Davis, New York, Ballantine Books, 1985.

⁵² in Doc. 54A-83 do Espólio de Pessoa, in BELÉM, *op. cit.*, p. 105.

Se quisermos ser justos, temos de concluir que A. C. hoje em dia não daria muito que falar, dado que a heterodoxia do início do século se converteu em moda nos dias de hoje. Por isso é fácil detectá-la num largo espectro de nomes da música pop, mesmo quando a influência não é assumida. Cito apenas o exemplo de uma típica letra de canção de Madonna, que, por se afirmar católica, mesmo nos anos 80 ainda conseguiu provocar escândalo, com a sua ousadia, vontade, e sexualidade explícita:

No one knows you better than you know yourself,
Do the thing you want, don't wait for someone else,
.....
Everybody is a star, everyone is special in their own way,
.....
Open your eyes and see, this world is yours and mine,
.....
You know who you are, this is your chance to shine,
Let yourself go,
.....
It's got to come from the inside,
Listen to your heart and step into the light.
.....
Make your own music, start your own dance,
When you feel the rhythm I'll be by your side,
Now you have the power, love is on your side.
.....

53

Também noutros nomes da contracultura, como Timothy Leary, William Burroughs, e Raoul Vaneigem reconhecemos o pensamento crowleyano. Neste último, um dos intervenientes mais conhecidos do Maio de 68, sobretudo no ensaio "Outline for an Alchemy of the Self"⁵⁴. No entanto, nada disto indica que Crowley fosse anarquista ou indulgente; de facto, como vimos, procurou sempre uma ordenação do conhecimento e era severo na exigência de acatamento dessas leis, o que frequentemente afastou discípulos e amigos. "Bad rules are better than no rules at all"⁵⁵, sentenciava; caso contrário, a permissividade tornaria as pessoas estúpidas, desorientadas e egoístas. Meio século mais tarde, tudo indica que já lá vai o tempo dos exageros rompe-barreiras, e a mudança foi absorvida pela sociedade ocidental.

Acreditemos ou não em astrologia, o facto é que A. C. nasceu sob o signo de Balança. Uma das características deste signo é a procura última do equilíbrio primordial, o que, numa visão dualista como é a do mundo ocidental, se representa pela união dos opostos. Quem consiga entender este facto tão simples terá encontrado a chave para

⁵³ in *Spotlight*, 1982.

⁵⁴ in *The Movement of the Free Spirit*, N. Y., Zone Books, 1994, pp. 233-258; 1.ª ed. 1986.

⁵⁵ in *Liber 777*, Maine, Samuel Weiser, 1994, p. xiii.

a compreensão das ideias de Crowley⁵⁶. O signo de Libra inicia-se com um dos dois únicos pontos de total equilíbrio da natureza terrestre — o equinócio de Outono. A partir desse ponto, os dias vão diminuindo e as noites crescendo. Tal como nos rituais iniciáticos se tem de percorrer o caminho das trevas para chegar à luz, também este signo se desenvolve na cada vez maior noite outonal, representando o início da vivência introspectiva, da procura de si mesmo. Crowley só aceitava o todo, para ele a mentalidade dualista estava ultrapassada. Embora tivesse pouco respeito pelas mulheres do seu tempo, sabia que o lado lunar (feminino) tinha de emergir e, por isso, dedicou especiais invocações à lua. Com isto provocou a acusação de ser agente do Mal, dado que tradicionalmente o imaginário ocidental amaldiçoa a lua, responsabilizando-a pelas desgraças dos homens.

Ao longo dos tempos, cada vez que o Ocidente (o sol) chegou a um impasse foi ao Oriente (a lua) buscar o complemento. Depois da época de maior desenvolvimento material da história da humanidade é perceptível a chegada da espiritualidade. As mulheres tornaram-se mais solares e os homens mais lunares. Segundo Crowley, só na altura em que o feminino e o masculino se unam em perfeito equilíbrio, tal como o símbolo chinês do yin e yang, surgirá uma nova mentalidade, e o novo Aeon dominará a humanidade. Como se ouve numa balada dos Tears for Fears (mais um grupo que aprecia Crowley), “All our laugh and all our pain will be but a tune, the Sun and the Moon...”⁵⁷. O século XX corresponde à fase de nascimento da “nova criança” e tem sido um parto doloroso — guerras, revoluções, ditaduras, convulsões sociais a todos os níveis. Aleister acreditava que estes acontecimentos correspondiam à revelação do *Book of the Law* prevista no *Apocalypse*. Deixo com Richard Tarnas, especialista em história das ideias, a explicação deste ponto de vista:

“The crisis of the modern man is essentially a masculine crisis and I believe that its resolution is already occurring in the tremendous emergence of feminine in our culture [...] feminism, ecology, pluralism, body, emotions, intuition, esoterism, etc. [...] As Jung prophesied, a sacred marriage between the long-dominant but now alienated masculine and the long-suppressed but now ascending feminine. We seem to be witnessing, suffering, the birth labor of a new reality, a new form of human existence, a child that would be the fruit of this great archetypal marriage, and that would bear within itself all its antecedents in a new form”.⁵⁸

Quando, durante um julgamento, lhe perguntaram se ele se intitulava “A Besta 666”, Crowley respondeu: “That means merely

⁵⁶ A preocupação com o equilíbrio tinha até aspectos insólitos. A seguir ao 1.º volume, 10 números, 1909-1913, de publicação de *The Equinox* seguiu-se o 2.º volume, 10 números, 1914-1918, de não-publicação. Em 1919 saiu o 1.º número do 3.º volume.

⁵⁷ in *Famous Last Words*, 1989.

⁵⁸ in *The Passion of the Western Mind*, Pimlico, 1996, pp. 442-444.

sunlight. You can call me little sunshine"⁵⁹. Esta interpretação do livro de *Apocalypse* foi também sustentada por *Madame Blavatsky* e *Robert Graves*, entre outros. A união da "Besta 666", como sinónimo de energia solar, e da "Mulher Escarlate", como energia lunar, corresponde ao acto sexual, considerado o sacramento mais sagrado, a essência do universo, a ascensão a Deus. Inspirado no tantrismo, *Crowley* acreditava que sem as mulheres não estava completo, pois elas são o princípio activo da magia sexual. Daí ser acusado de as explorar e destruir, inclusive por outros mestres esotéricos:

"No século passado, havia em Inglaterra um ocultista, *Aleister Crowley* que, desejando fazer experiências semelhantes às dos tibetanos, se embrenhou na magia negra e acabou por levar à loucura algumas mulheres, com as quais fazia as suas experiências. Ele tinha poderes, não nego, mas a que preço os obteve!"⁶⁰

Muita da incompreensão acerca de *A. C.* resulta de equívocos terminológicos. A prática tântrica acima referida nada tem a ver com magia negra. O engano tem origem na noção medieval de "Love Magic", uma prática de feitiçaria com poções mágicas, segundo os ritos *S. Cipriano*⁶¹. Chama-se "via da mão esquerda", de exaltação da energia sexual (*Kundalini*) através da união de *Shiva* (princípio masculino passivo) e *Shakti* (princípio feminino activo), em oposição à "via da mão direita", de sublimação sexual, a escolha de *F. Pessoa*, como veremos:

"Ao invés da via da mão direita, aparentada com as técnicas ascéticas, afastando deliberadamente toda a provocação, toda a tentação, a via da mão esquerda engendra tensões, situações limites, tóxicas, a fim de extrair delas a essência escondida, a energia libertadora".⁶²

Percorrendo os escritos do mago, vemos que ambas as vias são idênticas até ao grau de *Adeptus Exemptus*, quando o iniciado se defronta com o Abismo. Só daí em diante é correcto falar de magia branca ou negra, como não se cansou de explicar:

"the white brother achieves a marriage with the new idea while the black constantly restricts himself, he is satisfied with a very limited ideal, and afraid of losing his individuality".⁶³

⁵⁹ in *SUSTER, op. cit.*, p. 74.

⁶⁰ in *AIVANHOV, Omraam Michael, A Força Sexual ou o Dragão Alado*, Ed., Prosveta, 1988, pp. 84-85.

⁶¹ V. *FLINT, Valerie, The Rise of Magic in Early Medieval Europe*, Oxford, Clarendon, 1991.

⁶² in *VARENNE, Jean-Michel, O Tantrismo*, Pub. Europa-América, 1984, p. 122.

⁶³ in *Magick without tears*, Maine, Samuel Weiser, 1996, p. 110.

Pessoa define os termos numa frase: “a magia negra não é mais do que a magia branca feita materialmente”⁶⁴, ou seja, a magia ascendente, em direcção ao universo e à divindade é branca, enquanto a descendente, para reforçar o ego ou dominar os outros e a matéria é negra. Nesta encontram-se a feitiçaria e a bruxaria, sendo a primeira uma actividade solitária e a segunda um culto⁶⁵. Na novela *Moonchild*, que dedica à filha, Crowley identifica-se com os magos brancos, “The Great White Brotherhood”, alertando contra as actividades dos negros, “The Black Brotherhood”. Não adiantou nada, porque da fama não se livra, nem nos livros ditos da especialidade⁶⁶.

A última grande acusação contra Crowley é ser satanista. Se por isto se entende ser pagão, está correcto. A cultura cristã teve sempre tendência a identificar o deus Pã (a força primordial da natureza) com Satã⁶⁷.

O mesmo se aplica à actividade mágica em sentido lato, vista pelos cristãos como demoníaca, dado que pretende a união do homem com Deus, ou seja, indiferenciar a criatura do Criador. A afirmação de que cada ser humano é uma centelha divina (“a star”) pressupõe que seguindo o caminho do aperfeiçoamento (em termos iniciáticos, o percurso das trevas subscientes até à luz supraconsciente) pode transmutar-se de ser banal em ser divino. Em consequência, a prova de fé do velho Aeon, “Thy will be done”, é substituída pela do novo, “Do what thou wilt”.

Mas se o sentido se aplica à adoração do Diabo enquanto oposto de Deus, está totalmente errada. Existem seitas de adoradores do Demónio, Satã ou Lúcifer, mas os telesmitas não são uma delas, até porque não acreditam nessa identidade. Na base destes cultos estão as ideias dualistas judaico-cristãs que referem a existência de anjos caídos que guerream o Todo Poderoso. Actualmente, até os cristãos gnósticos encaram os anjos negros (as forças do inconsciente, em termos psíquicos) como dificuldades necessárias à evolução humana e, portanto, complementares do trabalho dos anjos auxiliares, os da luz, opinião partilhada pelos magos de modo geral:

“Does any one really think that any angel is such a fool as to try to gull the Omniscient God into injustice to his saints?”⁶⁸

Mais uma vez, há muito quem diga que a maior obra do Diabo é ter feito crer à humanidade que ele não existe! Se à vivência multif-

⁶⁴ in Doc. 54B-19 do Espólio de Pessoa, in BELÉM, *op. cit.*, p. 77.

⁶⁵ Para esclarecimento dos conceitos em causa V. PURKISS, Diane, *The Witch in History*, London Routledge, 1996, e BUTLER, E. M., *The Myth of the Magus*, Cambridge, Canto, 1993; 1.ª ed. 1948.

⁶⁶ V. “Crowley, mago negro...” in HEMMERT, D., ROUDENE, A., *História da Magia, do Ocultismo e das Sociedades Secretas*, Lx., Ed. Amigos do Livro, vol. 8, pp. 213-220.

⁶⁷ V. “Witchcraft” in *The New Encyclopaedia Britannica*; referência a Crowley in “20th century Satanism”, p. 899.

⁶⁸ V. nota 55.

cetada do mago terá faltado apenas a intensidade da música rock, à música rock não lhe faltam acusações de satanismo⁶⁹.

Para finalizar, gostaria de citar alguns exemplos cómicos da lenda crowleyana: entre outras artes, dizia-se que ele possuía o elixir da eterna juventude, enfeitiçava as mulheres com o olhar e conseguia estar em vários sítios ao mesmo tempo. Quando foi noticiado que as suas cinzas tinham desaparecido misteriosamente, ninguém se admirou!

3. Pessoa.

3.1. Ligação a Crowley.

A primeira pergunta que se coloca é: que tinha Fernando Pessoa a ver com este homem? Quase todos os que estudaram a ligação entre os dois apontam para uma nítida oposição. Concordo que há uma zona de contraste, mas não devemos ignorar as semelhanças.

À medida que se vão descobrindo novos escritos de Pessoa, torna-se evidente que o hermetismo não era um *hobby* para ele, mas um interesse profundo, a que dedicou vários poemas e ensaios. Nada fora do normal aconteceu quando o poeta adquiriu e leu a autobiografia de Crowley. Só que, a 4 de Dezembro de 1929, escreveu para a Mandrake Press dando conta de um erro no horóscopo do mago. Foi, portanto, Pessoa quem contactou Crowley, que andava envolvido em múltiplos problemas a nível internacional — expulsões de Itália e França, campanha da imprensa inglesa e consequentes processos em tribunal, etc. Não tivesse Pessoa ficado impressionado com a vida do mago e, provavelmente, nada teria feito. A hipótese de que o poeta o receava (divulgada por João Gaspar Simões) não me parece consistente: a troca de correspondência foi assídua⁷⁰, pautada pela simpatia e respeito mútuos. Pelo que se sabe, também não o dissuadiu de vir a Portugal, antes pelo contrário, forneceu-lhe as datas astrologicamente mais convenientes e na carta de 6 de Janeiro apontou inclusive a possibilidade de se encontrarem em Londres, talvez pensando em visitar o irmão Miguel, que lá residia.

Tanto um quanto o outro são dois homens da modernidade com impressionantes paralelismos biográficos. Ambos procuravam a totalidade, o infinito e a espiritualidade, ambos punham em causa as convenções, ambos amavam as artes, a cultura e o progresso, ambos procuravam a verdade oculta e a sabedoria. Pessoa considerava-se um neófito/aprendiz e Crowley um mestre/professor. Este começou por

⁶⁹ Corrado Balducci, o famoso demólogo do Vaticano, publicou *Adoradores do Diabo e Rock Satânico* em 1992. Infelizmente, as simplificações do costume misturam o trigo com o joio. Por outro lado, tanto as Testemunhas de Jeová quanto o próprio Ayatolla Khomeiny não se cansaram de classificar o rock como música satânica.

⁷⁰ Victor Belém, *op. cit.*, pp. 11-17, publicou as cartas que estão acessíveis nos respectivos espólios. Sabe-se que outras existem espalhadas por diversos colecionadores de memorabilia crowleyana, bem como na posse da família de Pessoa.

ser poeta, o que o outro foi toda a vida. Tinham ambos o vício da pesquisa autodidacta. Tiveram projectos editoriais. Ambos se pautavam por formas idiossincráticas de patriotismo. Até nos estados depressivos frequentes e nas dependências a contragosto (do álcool num e da heroína noutra) há paralelismos. Só que Pessoa vivia através da escrita, criava com a palavra e o dom da poesia, era introspectivo, tímido, reservado e nunca se envolveu em escândalos. Crowley viveu o excesso, extrovertida e assumidamente. Enquanto Pessoa desejava chocar e transformar a sociedade, Crowley fê-lo de facto. Um era o pensamento e outro a acção. Pessoa era tolerante, tinha amigos homossexuais e extravagantes, alguns consumidores de ópio. Não tinha motivos para se arrepiar com as vivências de Crowley, embora não concordasse com todas elas. Na minha opinião, colocar o relacionamento entre os dois abaixo do domínio da inteligência é passar ao poeta um atestado de menoridade. Não devo exagerar quando penso que Pessoa deve ter sentido uma enorme identificação entre o seu sagrado universo heteronímico e as profanas aventuras heterónimas de Crowley. Tanto Marco Pasi quanto Vicenzo Consolo coincidem nesta interpretação, já anteriormente defendida por João Gaspar Simões:

“De facto, Aleister Crowley personificava tudo quanto Fernando Pessoa jamais ousaria, não por falta de imaginação, mas por carência de iniciativa e decisão, qualidades sem as quais o homem, por mais imaginoso que seja, jamais chega a pôr em prática aquilo que imagina”.⁷¹

O paganismo de Caeiro e Soares, o satanismo de Search, Mota e Campos e o astrólogo Baldaya tinham por fim a companhia dos aristocratas russos e persas⁷², dos poetas diletantes, dos avatares indianos e dos sábios chineses de Crowley.

O segundo ponto de ligação foi a astrologia. Pessoa esteve para se dedicar à actividade, compôs um tratado (a aguardar publicação) e outros estudos. Era a área esotérica onde podia competir com Crowley⁷³. A resposta deste a agradecer-lhe, a dar-lhe razão e a pedir-lhe previsões para a viagem foram um reconhecimento dos seus méritos.

Um outro vértice, que tem sido ignorado, passa por uma terceira presença: Raúl Leal, o poeta obcecado com o Anticristo e o paracletismo. Ocultista, como o seu amigo Pessoa, era maniqueísta ao invés dele. Ambos acreditavam na Idade do Espírito Santo e no Quinto Império. A tradição secreta do cristianismo prevê que a humanidade só se tornará semelhante a Cristo na Idade do Espírito Santo. Agostinho da

⁷¹ in *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lx., Bertrand, s.d., 2 vols.; vol. 2, p. 267.

⁷² João Gaspar Simões estava convencido de que Crowley tinha de facto o título de *Sir*. Se tal fosse verdade, ele não deixaria de o exibir para embaraço da nobreza inglesa, certamente mais colossal do que o provocado por *Lord Byron*. V. *op. cit.*, p. 268.

⁷³ O mago abandonara esta disciplina após a estada nos E.U.A. Cf. *The Complete Astrological Writings*.

Silva⁷⁴ e António Quadros⁷⁵ debruçaram-se sobre a conexão entre a teoria da Terceira Idade do monge medieval Joaquim de Flora e a do Quinto Império, que para o poeta era também um império cultural⁷⁶. Nas festas do Espírito Santo, que sempre existiram no nosso país, procede-se à coroação do Imperador, uma criança regamente vestida e adornada com um ceptro. De facto, trata-se da mesma simbologia do novo Aeon de Crowley, “the crowned and conquering child”. Tendo em conta a sua interpretação do 20.º arcano do Tarot, tradicionalmente chamado “O Julgamento”, mas que ele rebaptizou “O Aeon”, retomamos as referências apocalípticas de uma época de fogo e destruição a anunciar o nascimento da criança/imperador, aquilo a que o cristianismo chama os “tempos da Besta”.

Após Pessoa lhe ter traduzido parte de *The Confessions*, Raúl Leal contactou o mago. Posteriormente, em carta de 6 de Janeiro de 1930, F. P. promete sigilo quanto à vinda de Crowley a Portugal e tranquiliza-o no respeitante à intromissão de Leal: ele tem “a splendid intense metaphysical ability” e é inofensivo. Em 1950, Raúl Leal escreveria uma carta espantosa a João Gaspar Simões, digna da verrinosa imprensa inglesa anticrowleyana. Diz ter-se encontrado com o mago em Lisboa, onde tiveram várias conversas e lhe ofereceu os seus poemas em francês, para em seguida afirmar ser Crowley responsável pela miséria em que vive e pela morte de F. P., “tanto mais que o Paracletianismo pretende destruir para sempre o Império da Besta Apocalíptica (666), o Império da Matéria, imposta pela Razão”⁷⁷, daí o móbil para a vingança de Crowley.

Deixando de lado a falta de lucidez em que assentam tais comentários⁷⁸, parece-me claro o interesse de Leal em travar conhecimento com o homem que se atrevia a assumir tão odiosa identidade. Quanto a Pessoa, é natural que gostasse de saber um pouco mais acerca do pretenso profeta da Nova Era para juntar às suas numerosas reflexões sobre o assunto.

Finalmente, o que os distancia é algo tão básico quanto o facto de Pessoa ser cristão e Crowley anticristão⁷⁹. Na famosa “Nota Biográfi-

⁷⁴ V. “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo” in *Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império*, Actas do 2.º Colóquio Internacional de Simbologia, Angra do Heroísmo, 1985, pp. 173-180.

⁷⁵ V. “Do Império do Espírito Santo ao Império da Filosofia”, in *Memórias das Origens, Saudades do Futuro*, Lx., Europa-América, 1992, pp. 326-339.

⁷⁶ V. PESSOA, “Portugal — Quinto Império”, in *Sobre Portugal*, Lx. Ática, 1978, pp. 215-256.

⁷⁷ in *Persona*, n.º 7, Porto, 1982, p. 56.

⁷⁸ Raúl Leal garantiu a Jorge de Sena em carta de 22/3/57 (V. “Maugham. Mestre Therion e Fernando Pessoa” in *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima*, Lx., Ed. 70, 1984, pp. 111-116; nota p. 112) que Pessoa tinha estabelecido contacto com Crowley por causa de *Magick in theory and in practice*, obra que o próprio poeta admite que o mago mandou vir de Inglaterra para ele quando estava em Lisboa (V. Carta a João Gaspar Simões, de 4/1/31).

⁷⁹ Na mais recente biografia sobre Pessoa, Robert Bréchon afirma que Crowley era “cristão gnóstico e cristão ecuménico”, um duplo cristianismo que teria deixado o MEGAPAGÃO arrepiado. V. *Estranho Estrangeiro*, Lx., Quetzal, 1996, p. 491.

ca”, de 30 de Março de 1935, o poeta diz-se “cristão gnóstico, oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel [...] à tradição secreta do Cristianismo”⁸⁰. Para Crowley, como vimos, o cristianismo representava o passado (o Aeon do deus sacrificial Osíris), o pesadelo da sua infância e a melhor desculpa para a hipocrisia dominante. Em consequência, é a moral que traça a linha de separação entre os dois homens. Pessoa regia-se pelos princípios cristãos; Crowley estava para além do Bem e do Mal. Assim, o poeta vai escolher a iniciação pela inteligência, solitária, alquímica e casta (“via da mão direita”). A iniciação adoptada por Crowley, pela vontade, comunitária, mágica e carnal (“via da mão esquerda”) era considerada por Pessoa como “extremamente perigosa em todos os sentidos”⁸¹. São, portanto, os meios que os afastam, não os fins.

Victor Belém baseou a sua exposição na hipótese de o encontro ser um desafio que Pessoa teria feito a Crowley, enquanto representante do Mal e da tentação do Diabo, tentação essa a que ele, como gnóstico, estaria especialmente sujeito. Reportando-me ao que acima escrevi sobre satanismo, este ponto de vista é possível, mas não me parece plausível: Fernando Pessoa não era Raúl Leal.

3.2. Participação no “Suicídio”.

No *Diário de Notícias* de 27 de Setembro de 1930, sob o título “Um Caso Estranho” dá-se conta de que o jornalista Augusto Ferreira Gomes tinha encontrado no dia 25 uma “misteriosa” carta debaixo de uma cigarreira nos rochedos da Boca do Inferno. Estava dirigida a uma senhora e escrita em inglês, em papel do Hotel de l’Europe de Lisboa. Posto a investigar, o jornalista foi informado de que a destinatária, Hanni Larissa Jaeger, viajava em companhia de Aleister Crowley, e que este não regressara ao hotel desde o dia 23. Apreensivo com a notoriedade do “estranho homem”, com o tom “alucinado” da missiva, que também incluía sinais “incompreensíveis”, e com o local onde tinha sido deixada, Ferreira Gomes entregou o caso à polícia.

Esta foi o primeiro capítulo da *mystery tale* que Fernando Pessoa criou, tendo Crowley como protagonista, Hanni como personagem secundária, e o seu amigo e confrade de estudos esotéricos Ferreira Gomes como cooperador necessário. Sabemos que Pessoa enviou a Crowley os poemas publicados em inglês, oferta que o mago agradece com elogios ao “original Elizabethan impulse” dos sonetos, em carta de 22 de Dezembro de 1929. Ele sempre afirmou que “true poetry is itself a magic spell which is a key to the ineffable”⁸². Ainda nesse ano, num rascunho de uma carta para Crowley, Pessoa explica-lhe as suas criações heterónimas como “a great act of intellectual magic, a

⁸⁰ in QUADROS, A., *Fernando Pessoa — cartas e páginas autobiográficas*, Lx., Europa-América, 1986, p. 252.

⁸¹ in, QUADROS, A., *A Procura da Verdade Oculta — Textos Filosóficos e Esotéricos*, Lx., Europa-América, 1986, p. 24.

⁸² in *Eight Lectures on Yoga*, Las Vegas, New Falcon Press, 1989, p. 6.

magnum opus of the impersonal creative power”, prometendo-lhe para a sua visita “a literary creation in a, so to speak, fourth dimension of mind”⁸³. Não há garantias de que a redacção final da carta incluisse estas afirmações; certo é que o poeta tinha um plano desde o início.

Através do diário de Crowley, sabemos que visitaram juntos a Boca do Inferno, que deixou o mago impressionado: “I wish the West coast of Scotland could see it”⁸⁴. É provável que o poeta lhe tenha contado sobre a sua afeição àquele local tradicional de suicídios. Em 9 de Outubro de 1929, Pessoa escrevera a Ofélia Queirós:

“Preciso cada vez mais de ir para Cascais — Boca do Inferno mas com dentes, cabeça para baixo, e fim, e pronto, e não há mais Ibis nenhum. E assim é que era para esse animal ave esfregar a fisionomia esquisita no chão [...]”.⁸⁵

A ideia é, portanto, pessoana. Desta vez Crowley limitou-se a ser personagem de ficção, tendo Pessoa não só criado a história mas também actuado publicamente na sua divulgação, caso único em toda a sua vida. Talvez fosse a este desempenho que chamou a “quarta dimensão”. Por outro lado, este acto de magia pessoana tinha de produzir algo imbatível, provavelmente o “mistério perfeito”, à semelhança do crime perfeito, aquele que não se consegue deslindar. Assim, F. P. usa a lógica, a dedução e a contra-argumentação para ir adensando o enredo, construindo uma charada e impossibilitando a solução. Trata-se de um jogo mental, cuja estrutura é idêntica a *O Banqueiro Anarquista* e aos casos policiais do detective Quaresma⁸⁶.

O segundo capítulo aparece a 28 de Setembro no *Diário de Notícias*. Conta-se que F. Gomes foi à Polícia e duvida-se de que Crowley tenha saído do país no dia 23, suspeitando-se do seu “dedo maquiavélico”. Nada se sabe de Hanni. Menciona-se a declaração de F. P., chamado à polícia para traduzir a carta, cujo texto se transcreve. Ele confirma que conhecera o mago através de “correspondência literária”, que este viera a Portugal por “motivos de saúde” e que só tinha estado com ele e Ms. Jaeger nos dias 7 e 9. No dia 18 Crowley procurou-o “muito preocupado”, pois ela tinha desaparecido após um “ataque histerico” e tinha “tendência para o suicídio”. Pessoa tinha participado à polícia, sem resultados. Entre 18 e 23 encontrou-se com o mago “uma ou mais vezes por dia”, tendo este então decidido passar alguns dias em Sintra. O toque final vem da quase certeza de o ter visto

⁸³ in BELÉM, *op. cit.*, pp. 16-17.

⁸⁴ O diário só foi publicado na década de 80, sob o título *Magical Record of the Beast* 666. Antes disso, apenas John Symonds tinha acesso a ele e utilizou-o para escrever a sua obra *The Great Beast*, de 1951. As citações constam da edição London, Granada, 1971, e a referente a esta nota encontra-se na página 420.

⁸⁵ in *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, Lx., Ática, 1978, p. 157. Recorde-se a candidatura falhada ao cargo de conservador-bibliotecário do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães em Cascais.

⁸⁶ V. *O Banqueiro Anarquista e outros contos de raciocínio de Fernando Pessoa*, Lx., ed. Lux, 1964.

ao longe na Baixa lisboeta, no dia 24 — se estava vivo e em Lisboa, como podia ter passado a fronteira a 23 ou ter-se suicidado? Ou tinha saído e regressado incógnito ou alguém passara a fronteira com o seu passaporte.

O terceiro capítulo é o mais extenso. Aparece no *Notícias Ilustrado* de 5 de Outubro (pp. 9, 10 e 16) sob o título “O Mistério da Boca do Inferno”⁸⁷. Primeiro que tudo, já é assinado por Ferreira Gomes, que continua a desempenhar o papel do neutral repórter que não conhecia Crowley; depois, escreve um longo preâmbulo em que ataca os provincianos lisboetas, “que não sabem raciocinar”, pois “não se trata de uma *blague*” mas de “um acontecimento misterioso para o qual nunca há explicação”. No epílogo dirá que “a carta não é falsa”, por mais que “a fauna prolixa dos cafés” assim o entenda. Se nos lembrarmos do Pessoa das “Crónicas da Vida que Passa” e do “Preconceito da Ordem”, aqui temos o mesmo irreverente e provocador num exercício de agitação intelectual com o intuito de abanar a adormecida sociedade lisboeta, à qual A. C. dedicou um belo epigrama: “God once tried to wake Lisbon with an earthquake; he gave it up as a bad job”⁸⁸.

F. G. resume a sua investigação, onde já aparece que Ms. Jaeger tinha estado no Hotel de l'Europe até dia 19. Vem depois uma pequena biografia de Crowley, cuja “produção literária é enorme e inconfundível”, e não obstante “os ataques jornalísticos”, os “factos nunca foram bem conhecidos” mas “não são bem característicos de um degenerado”. A postura oficial de F. Gomes e de Pessoa em relação ao mago é que ele é um mistério, não é um bruxo nem um criminoso. No entanto, jogam com o facto de ser a má reputação que dá verosimilhança, *ergo* credibilidade, à história.

Segue-se a transcrição do depoimento de F. P. à Polícia. Reconheceu a letra e disse “ter visto a cigarreira nas mãos de” Crowley. Propositadamente, ele não diz que a cigarreira era do mago. Jorge de Sena assegura que a cigarreira egípcia pertencia ao cunhado do poeta, coronel Caetano Dias, segundo informação do próprio; “era, porém, suficientemente oriental para poder pertencer a um mago tão celebradamente íntimo dos mais recônditos orientes”⁸⁹. Para além da ideia e do cenário, Pessoa também forneceu os adereços.

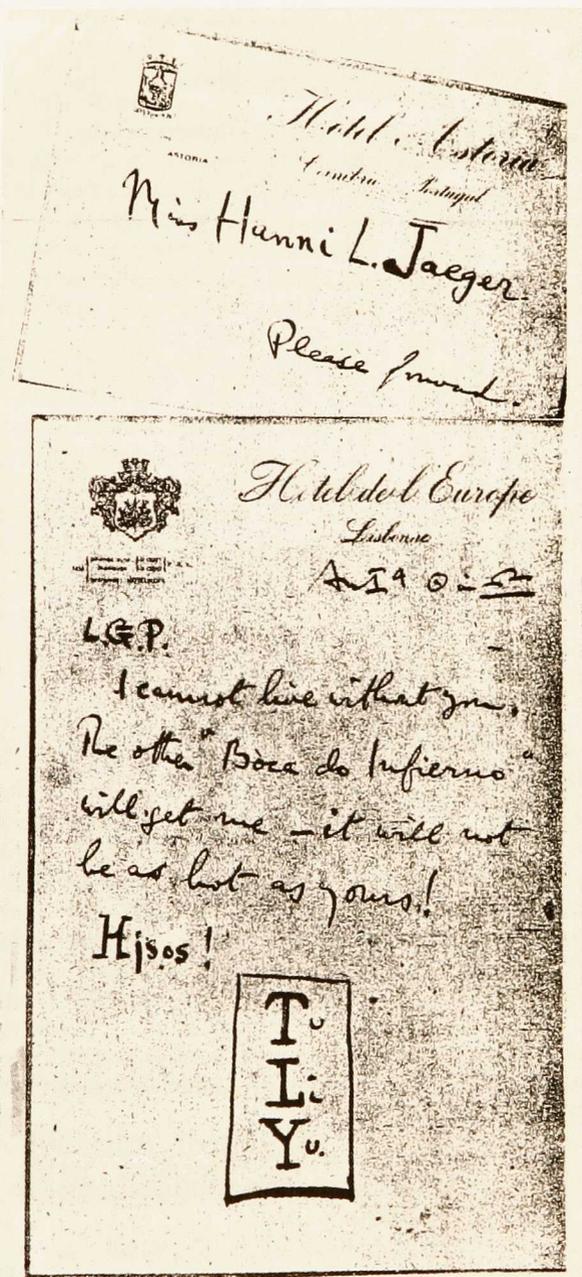
Prossequindo na declaração, Crowley ter-lhe-á dito que Hanni estava convencida “de estar sendo perseguida por um mago negro chamado Yorke”. Trata-se de Gerald Yorke, grande amigo de Crowley, mas com quem teve sempre uma relação conflituosa, pois não o reconhecia como profeta. O espólio do mago encontra-se na Yorke Collection do Warburg Institute da Universidade de Londres. Gerald Yorke foi durante muitos anos o representante do Dalai Lama no Ocidente. Era budista, não era um mago negro. Nesta altura Crowley

⁸⁷ Gaspar Simões estabelece uma analogia entre este mistério da geração do *Orpheu* e o “Mistério da Estrada de Sintra” da geração de 70. V. *op. cit.*, p. 272.

⁸⁸ in SYMONDS, *op. cit.*, p. 419.

⁸⁹ in “Pessoa e a Besta”, *op. cit.*, pp. 171-175; p. 173.

ESTAMPA 2



Reprodução da carta de Crowley, in *Noticias Ilustrado*, 5/10/30, p. 10.

acusava-o de ter contribuído para o afastamento da sua segunda mulher, Maria Teresa de Miramar. Mais do que uma alucinação de Hanni, tal calúnia cheira a vingança de Crowley.

A Polícia descobriu que ela saíra do país de barco, no dia 20, em direcção à Alemanha. Dizem também que afinal ela era americana, pois fora pedir auxílio monetário ao Consulado Americano, facto de que ele “duvida” pois tinha visto que “o passaporte dela era alemão”. O mago despediu-se dele às “10 horas e meia do dia 23”, dizendo que ia para Sintra. “Nunca mais lhe falei. Quero crer que ainda o vi [...] ou o seu fantasma” duas vezes no dia 24. Mistificação? Talvez, “se não fosse uma circunstância contida na carta”. Aparece então a carta decifrada (V. Estampa 2). “Explico até onde compreendo”, ou melhor, explica até onde lhe interessa explicar. Tentemos acrescentar o que Pessoa ocultou:

“An I4 é sem dúvida o ano presente, na cronologia especial adoptada por Crowley, e cuja origem desconheço”.

Certamente, embora o ano não seja 14, como se convencionou, mas I4, o 4.º ano no grau de Ipsissimus, assumido por Crowley quando se tornou chefe mundial da O.T.O., no seu 50.º aniversário. O I não é x. Dois exemplos: An Ixii (Março de 1938); An Ixiii (Setembro de 1939). Acrescente-se que o 4 árabe era um dos algarismos usados pelo mago em vez da numeração romana, provavelmente por motivos herméticos.

“L.G.P. não sei o que é, mas, pela colocação na carta, deve ser o nome místico de *Miss Jaeger*, ou as iniciais dele”.

“Hjsos! também não sei o que é, mas também pela colocação, suponho ser uma palavra mágica, entendida só pelos dois”.

Se olharmos com atenção para o que Crowley escreveu, vemos que o símbolo parecido com um H se destaca do resto e que esse resto não é um j mas um ! invertido, como se usa na escrita em castelhano. Ele sabia castelhano, não sabia português, daí escrever “Infierno”, o que demonstra que Pessoa não corrigiu a carta. A aparência é de ser uma invocação mágica e não apenas uma palavra. “H! (invertido) sos!” — o conhecido pedido de ajuda (“save our souls”) a uma entidade representada por H. Se se tratar de um H do alfabeto copta, como parece, equivale a Júpiter, o pai dos deuses. O pedido seria “God help me!” ou “God help us!”/“God save our souls!”, com a particularidade de ter o mesmo significado quando lida ao espelho: “!invertido sos! H” = “Help me/us! God”/“Save our souls! God”. Tudo muito crowleyano!

“Tu Li Yu sei o que é, por C. uma vez me ter falado nisso: é o nome de um sábio chinês, que viveu uns três mil anos antes de Cristo e de quem C. dizia ser a encarnação presente”.

Nesta altura C. encontrava-se em retiro taoísta, imitando a vivência de Lao Tzé com a sua discípula. Preparava a tradução do *Livro*

da Pureza do sábio Suen Ko, que saiu em 1939, assinado por Ku Yuen⁹⁰. De Tu Li Yu os biógrafos de C. não encontraram rastro, nem como heterónimo nem como reencarnação (Eliphaz Lévi e Cagliostro fazem parte desta lista) e, por isso, Symonds afirma tratar-se da transcrição achinesada de “too-dlee-oo”, uma forma comum de dizer “adeusinho” em inglês⁹¹. Falta saber o que significa Tu Li Yu em chinês, se é que significa alguma coisa.

“E agora o ponto importante: A data é Sol em Balança. Ora o Sol entrou no signo de Balança às 18 horas e 36 minutos do dia 23 de Setembro [...] Essa carta foi portanto escrita entre essa hora do dia 23 e a hora em que foi encontrada. Data falsa? Não. [...] *O que nenhum astrólogo, por motivos que não é lícito revelar, ousaria fazer, é falsear uma data escrita em sinais dos astros.* [o itálico consta do texto] [...] Sobre o facto de C. assinar a carta, não com o próprio nome, nem com nenhum dos seus nomes ocultos e maçónicos, mas com o nome representativo do que considerava a sua primeira reencarnação representativa, ou o seu primeiro ser essencial, também haveria algumas observações a fazer, e de algum modo viriam para o caso. O que aí está, porém, já basta”.

“Elementar!”, diria Sherlock Holmes... Estão lá todos os elementos. A data está certa, embora Crowley tenha abandonado o país a 23, porque quem assina a carta é Tu Li Yu. A insistência na ideia de que pode ter visto “o seu fantasma” a 24, e a repetição da palavra “representativo” apontam para o alibi de C. e o núcleo da trama — é o “representante” de C., Tu Li Yu, quem ficou em Lisboa e se suicidou na Boca do Inferno.

Através de um poema escrito em 15 de Outubro, o poeta transmite as tais “observações” que não vinham ao caso no artigo de jornal — a filosofia taoísta está subjacente a “O Último Sortilégio”. O poema refere alguém que percorreu todos os caminhos da magia e sabe já não possuir os poderes de outrora. Resta-lhe o derradeiro encantamento — perder o seu ser essencial no NADA para poder reviver no TODO. O Tao é o absoluto, ao mesmo tempo tudo e o contrário de tudo, o ser e o não-ser, não se podendo explicar, descrever, exprimir ou compreender, apenas sentir e aprender⁹². Em 1930, o caminho do Tao era a escolha de Crowley.

O artigo termina com as perguntas que a lógica impõe e a mensagem que quer transmitir aos leitores — eles nunca vão saber o que se passou:

“Mais um mistério a juntar aos muitos que sempre rodearam A. C. O tempo se encarregará de dar resposta. E

⁹⁰ V. *Liber xxi. King, Kang, Khing, the classic of purity.*

⁹¹ in SYMONDS, *op. cit.*, nota p. 422.

⁹² V. RAWSON, P.; LAGEZA, L. *Tao. La philosophie chinoise du temps et du changement*, Paris, Seuil, 1973.

se não a der, é que mais um segredo foi para sempre — e para quasi todos — tragado pela noite intermina, na Névoa do Universo”.

Pelo diário de C., sabemos da instabilidade emocional e psíquica de Hanni. Na noite de 16, farta de magia, provocou uma valente discussão, de tal forma que o director do Hotel Paris os expulsou. Foram para o Hotel Miramar, e na manhã seguinte Hanni saiu à socapa. Foi ao Consulado Americano, onde o cônsul a aconselhou a regressar a casa. Entretanto, A. C. aguardou todo o dia pelo seu regresso. No dia 18 foi pedir ajuda a Pessoa. No dia seguinte à noite encontrou Hanni em Lisboa, mas não conseguiu dissuadi-la de partir no dia 20. Nesse dia esteve em Sintra, e a 21 passeou de novo junto à Boca do Inferno, onde terá tido uma ideia: “I decide to do a suicide stunt to annoy Hanni. Arrange details with Pessoa”.⁹³ No dia 22 recebeu um telegrama de Hanni, onde se provava que ela continuava a amá-lo. No dia seguinte partiu de comboio para a Alemanha, para se encontrar com ela.

Também aqui há problemas com as datas: Symonds diz que Crowley festejou o equinócio a 21 (!?). Outra coisa que não se entende é por que razão manteve ele a pantomima se já estaria com Hanni na altura em que ela soubesse da notícia. Tem de haver outros motivos, que passam pelo pacto com Pessoa, fosse ele qual fosse. É lamentável que os estudiosos do mago ignorem paulatinamente F. P, tanto em relação a este caso quanto ao horóscopo oficial, que permanece errado.

O quarto e derradeiro capítulo surgiu no jornal *Girassol*, de 16 de Dezembro (p. 6), sob o título “A. C. foi assassinado?”, escassos dias depois de Crowley reaparecer com Hanni na inauguração das Galerias Porza, em Berlim. O interesse é apenas nacional, visto que no estrangeiro já se sabia que A. C. estava na Alemanha. Em consequência, o artigo serve quase só para dar conta da repercussão internacional do caso e para F. P. se desresponsabilizar do assunto, perpetuando o mistério: já não pensa nada, não sabe nada, nem conclui nada; afinal, ele até pode ter sido manipulado.

Na introdução aponta-se para a hipótese de um ajuste de contas entre espíões. Ferreira Gomes deu uma entrevista sobre o assunto à revista parisiense *Déetective* de 30 de Outubro. A seguir soube que a polícia francesa se interessou pelo caso e que a congénere inglesa “estava convencida que C. tinha sido assassinado”. O artigo prossegue com uma entrevista a F. P. “Não há notícias dele”, afirma, “nem o secretário”, “nem os amigos [...] quando me escrevem”, nem Miss Jaeger “que já me escreveu duas vezes da Alemanha” e “chama bandido a Crowley”. Resta saber se esta correspondência existiu, do que eu duvido.

Pessoa admite “falhas lógicas no argumento que me serviu para essa conclusão [o suicídio]”, diz que o mago “pode ter-me mentido”,

⁹³ in SYMONDS, *op. cit.*, p. 422.

mantém que o viu no dia 24 e que ele lhe “ocultou o regresso de *Miss Jaeger*”, pois tinha vindo a saber que foram ambos ao Consulado Americano. Segundo o diário de C., não só ele não o fez como ficou furioso por ela o ter feito.

Quanto à polícia inglesa, o poeta assegura que presenciara a vinda a Lisboa de dois investigadores, um particular e outro oficial, e que ficou “perplexo” ao saber que o mago tinha ligações à imprensa que ele desconhecia. Quanto ao homicídio, também tem dúvidas por causa da carta de suicídio, “é ser boa vítima demais...” O enredo para que aponta implicaria uma operação “cortina de fumo”, que teria saído mal ao agente secreto Crowley.

Pessoa termina a entrevista lendo um artigo do *Oxford Mail* de 15 de Outubro. Nele se dava conta de que um medium teria contactado o espírito de Crowley e que ele “tinha sido empurrado dos rochedos abaixo por um agente da Igreja Católica Romana”. O anticristianismo seria o móbil do crime, e a diabólica figura teria sido engolida literalmente pela Boca do Inferno.

Durante o mês de Outubro, vários jornais ingleses, inclusive *The Times*, especularam à volta de todas as interrogações que o caso suscitava. Quando se soube que Aleister e Hanni estavam juntos novamente começou a procura de explicações. O sorriso de Fernando Pessoa quando lê o artigo do jornal inglês revela satisfação pelos objectivos alcançados, dado que a sua história de ficção tinha ganho autonomia, devido à divulgação na imprensa e à imaginação dos homens. Só a ironia explica que em carta de 6 de Dezembro a João Gaspar Simões, ele mantenha que “Mestre Therion desapareceu, não se sabendo se se suicidou [...], se simplesmente se escondeu [...], se foi assassinado”. Tal como ele quis, a obra mantém o final em aberto, admitindo várias hipóteses de explicação.

Alguns anos mais tarde, o único espectador e participante privilegiado deste “mistério perfeito”, Augusto Ferreira Gomes, dedicava o poema “Canção Absurda”, a *Sir* [sic] Edward Aleister Crowley:

Eu ponho o fim no começo
Para melhor explicar...
Onde é que está a verdade
— P’lo menos a que exponho —
E onde é que a realidade
Se mistura com o sonho?
Deus fez as coisas em fumo
E misturou-se lá dentro!
É ele que é o centro
De tudo a que deu seu rumo!
Mas o rumo é a vertigem
Sempre em plena confusão,
Desde o fim até à origem!
Eu ponho fim no começo
Para melhor explicar...⁹⁴

⁹⁴ in *Mensagem. Manifesto de uma geração*, n.º 2, Junho de 1938, p. 8.

4. Explicações.

4.1. Hipótese Publicidade.

A procura de publicidade é a explicação mais evidente. A feroz campanha da imprensa afastava o público das obras de Crowley. Os títulos jornalísticos incluíam: "Complete Exposure of the Drug Fiend", "The King of Depravity", "The Wickedest Man in the World", "A Man We'd Like to Hang" e "The Human Beast Returns". A Mandrake Press depressa iria à falência. Morto o autor, a procura dispararia. Noutro vértice, os seus quadros seriam valorizados quando os pusesse à venda em Berlim.

O mago precisava de renascer. Foi assim que o seu editor, Stephensen, e o seu secretário, Regardie, deitaram mãos à tarefa de o reabilitar em *The Legend of Aleister Crowley*. Por outro lado, depois de sempre se ter recusado a dar importância às invenções da imprensa, por fim tinha processado o director do *Sunday Express*, Lord Beaverbrook, por difamação⁹⁵. Entre 1929 e 1935, o contra-ataque de Crowley levou numerosos editores e jornalistas ao banco dos réus. Infelizmente, perdeu todos os processos e, para não pagar as custas dos mesmos, teve de declarar-se falido. Nunca desistiu de lutar: "I shall continue to protest my innocence as long as I have a hole in my bottom"⁹⁶. Raoul Loveday morrera de difteria, e ele nunca matara, nem torturara, nem roubara ninguém. De facto, nunca foi indiciado pela justiça, muito menos julgado.

Segundo a "hipótese publicidade", tudo não terá passado de uma farsa. Alessandro Dell'Aria deu especial apreço a esta visão na obra *O Mocho e o Mago*⁹⁷, o primeiro trabalho de ficção dedicado ao encontro entre Crowley e Pessoa. Aqui o mago e a sua assistente são uma dupla de aldrabões arruinados, vivendo de expedientes. O escândalo nocturno no hotel e o desaparecimento de A. C. teriam servido para não pagar as contas, e a queixa de Hanni no Consulado Americano para arranjar dinheiro para a viagem. Convém lembrar o snobismo de Crowley, um fruto do seu gosto pela pose teatral, que o levava a fazer-se passar por aristocrata (em Portugal foi apenas *Sir*), seguindo à risca a recomendação publicitária de Oscar Wilde: "The only way in which one can live in the memory of the commercial classes is by not paying one's bills"⁹⁸.

A circunstância mais interessante deste "folhetim em cinco episódios" ocorre quando Dell'Aria sugere que o inacabado conto pessoano *Czarkresko* poderá ter sido inspirado num espectáculo de prestidigitação com que o famoso par de charlatães pagou uma das contas de hotel. Efectivamente, existe uma grande semelhança entre o *Professor Tremoulet* e *M.lle Schultz* e o duo em causa⁹⁹.

⁹⁵ V. MUDD, N., *An Open Letter to Lord Beaverbrook*.

⁹⁶ Citado por WILSON, *op. cit.*, nota 44.

⁹⁷ V. *O Mocho e o Mago*, Lx., Afrontamento, 1993.

⁹⁸ in SUSTER, *op. cit.*, p. 86.

⁹⁹ Este conto é considerado "terrífico" por Leonor Machado de Sousa, que o publicou in *O horror na literatura portuguesa*, Lx., I.C.A.L.P., 1979, pp. 108-112. Para as influências de Edgar Allen Poe na produção pessoana, V. mesma autora, *Fernando Pessoa e a literatura de ficção*, Lx., Novaera, 1978.

E o nosso poeta? Que ganharia ele em ajudar a tais artimanhas? Teresa Rita Lopes lembra que, em 1925, Pessoa tinha um projecto para divulgar o país no estrangeiro:

“cuidava sobretudo de exportar a nossa cultura, de dá-la a conhecer para lutar contra a nossa *descaracterização europeia*”.¹⁰⁰

Para o português à inglesa que o poeta era, que sempre leu, escreveu e tentou publicar as suas obras em Inglaterra, Crowley poderia ser um importante contacto editorial. Dell’Aria edita vários manuscritos que parecem provar a intenção do poeta de escrever uma obra chamada *The Mouth of Hell*, em 1931, e inclusive um rascunho de uma carta em inglês, datada de 15 de Outubro de 1935, onde se dirige a um tal “Lhi”, a quem diz ter enviado um “alcoholic or postalcoholic poem... unfit for publication”¹⁰¹. A suposta narrativa nunca foi acabada, talvez porque Pessoa quisesse ser fiel ao seu projecto inicial de manter o público em suspensão, mas o enigmático “Lhi” pode muito bem ser Aleister Crowley.

4.2. Hipótese Espionagem.

Uma manobra de espionagem pode ter estado subjacente às estranhas atitudes de Crowley em Portugal. Quando começou a ter ameaças de expulsão de França, revelou à imprensa que tinha feito contra-espionagem para os ingleses e os americanos durante a Grande Guerra. Os franceses desprezaram tal heroísmo e deram-lhe ordem de saída. Já em Inglaterra, em Fevereiro de 1930, ocorreu um episódio inquietante. Convidado pela Universidade de Oxford a proferir uma palestra sobre Gil de Rais¹⁰², encontrou a polícia à saída do comboio e teve de voltar para trás, sem poder fazer a conferência¹⁰³. Os inspectores que o esperavam eram da Scotland Yard, e daí em diante Crowley passou a fazer parte do muito exclusivo Special Branch, segundo atestam documentos encontrados após a sua morte. Da mesma forma, costumava almoçar no Royal Navy Club com oficiais

¹⁰⁰ in “Prefácio”, in *Fernando Pessoa. Lisboa: O que o turista deve ver*, Lx., Horizonte, 1992, pp. 5-16; p. 9.

¹⁰¹ in DELL’ARIA, *op. cit.*, p. 92. Os referidos documentos encontram-se in pp. 86-92.

¹⁰² Gil de Rais foi Marechal de França durante as campanhas de Joana d’Arc. Transtornado com a morte da santa e a derrota dos seus exércitos isolou-se nos seus domínios, onde cometeu crimes hediondos contra várias centenas de crianças. Descoberto passados nove anos, foi julgado por bruxaria e queimado vivo. O caso chocou o país, e muitos concluíram que ele tinha simplesmente enlouquecido. Em data recente, o escritor Michel Tournier elaborou um romance baseado na hipótese de Gil ter amado Joana de tal forma que resolveu dedicar-se à prática do Mal para vingar o seu suplicio. V. TOURNIER, M., *Gilles & Jeanne*, Lx., D. Quixote, 1987. Trata-se de uma inversão da lenda de S. Cipriano, que terá deixado a feitiçaria por amor a uma cristã, Sta. Justina, tendo sido martirizados juntos.

¹⁰³ V. *The Banned Lecture — Gilles de Rais — to have been delivered before the O.U.P.S.*

da Naval Intelligence. Também consta que alguém em segredo lhe pagava as dívidas.

Tal como Casanova e Cagliostro, Crowley foi uma das personagens notórias cujos obscuros “bons ofícios” não eram tão bem remunerados quanto a espionagem¹⁰⁴. Os Serviços Secretos não o tinham em grande conta e apenas o usavam para manobras de diversão, como agente duplo:

“Agente bastante desajeitado, sempre com falta de dinheiro, de uma moralidade corrupta. A só utilizar tomando grandes precauções”.¹⁰⁵

Com a chegada de Hitler ao poder, e conhecendo-se o seu interesse pelo oculto, era altura de aproveitar as idas frequentes do mago à Alemanha, onde estava a sede da O.T.O. Entre 1925 e 1936, manteve residência em Berlim. Alguns estudiosos afirmam que chegou a ser conselheiro secreto do Führer e que esteve por detrás da estranha fuga de Hess para Inglaterra¹⁰⁶. Ao certo sabe-se que Hitler leu *The Book of the Law* e resolveu segui-lo à letra. Crowley nunca conseguiu interpretar a maioria dos versículos, e sempre desconfiou das interpretações de outrém. Os seus detractores acusam-no de ter instigado à guerra, na medida em que o regente do novo Aeon, o deus Hórus, é uma divindade conquistadora e ligada ao fogo. Nas suas cartas avisara os confrades da O.T.O. que os nazis tinham mergulhado na magia negra e declarara estar farto de os aturar. Em 1936 os desentendimentos com o poder eram visíveis e as sociedades secretas foram proibidas no Reich¹⁰⁷.

Segundo a “hipótese espionagem”, a passagem por Lisboa foi um engodo, uma operação de contra-espionagem destinada a abrir ao mago as portas do poder alemão. Na carta que escreve à sua mulher no dia 20 de Setembro, A. C. aconselha-a a divorciar-se, com uma ressalva:

“It will be no good asking for alimony because we are all in the soup together with the Rt Hon Lord Beaverbrook and the British Empire”.¹⁰⁸

A frase tem duas interpretações: ele encontra-se pendente do processo contra o *Sunday Express* para ter dinheiro, mas também do Estado Britânico, o que implica um laço sigiloso com o poder; ou está dependente da conjugação dos dois, i.e., a terrível campanha jornalística seria um logro para os alemães se convencerem de que ele tinha todas as razões do mundo para trair o seu país.

¹⁰⁴ V. COELHO, A., “Aleister Crowley, Taumaturgo e Espião” in *Espionagem. Os Segredos da Grande Guerra*, Lx., Clássica, 1930.

¹⁰⁵ in HEMMERT; ROUDENE, *op. cit.*, p. 215.

¹⁰⁶ V. GALLI, G. *Hitler e o Nazismo Mágico*, Lx. Ed. 70, 1989.

¹⁰⁷ V. SUSTER, G., *Hitler and the Age of Horus*, Maine, Samuel Weiser, 1986.

¹⁰⁸ in SYMONDS, *op. cit.*, p. 421.

Acima vimos que o último capítulo da criação pessoana aponta para esta hipótese, citando os testemunhos dos amigos e da amante de nada saberem do seu paradeiro — o mago estaria escondido em parte incerta a desempenhar a missão que lhe tinha sido confiada. Outro pormenor interessante é que o Director da Polícia de Paris estava hospedado no Estoril no início de Setembro, onde foi visto na companhia de autoridades policiais portuguesas¹⁰⁹, facto que pode indicar uma vigilância ou perseguição a nível internacional. Octavio Paz estava convencido disso, conforme consta em *Ignoto a se stesso*, de 1961:

“un bel giorno Pessoa se vede coinvolto in un imbroglio ordito dalla polizia contra il mago”.¹¹⁰

Marco Pasi estabelece afinidades políticas entre A. C. e F. P. no respeitante à simpatia pelo fascismo. Nesse caso, o poeta teria ajudado o mago a passar-se para o lado dos alemães. A atitude de ambos é a melhor garantia de que tal não foi verdade. Se Pessoa auxiliou Crowley neste contexto, só pode ter sido para ajudar os ingleses. Ambos detestavam os políticos na generalidade e os ditadores de modo especial. Qualquer regime totalitário chocava frontalmente com as suas vidas, pautadas pelo individualismo e pela liberdade. Pasi baseia a sua convicção tanto nas supramencionadas ligações secretas ao nazismo do mago quanto em *O Interregno — Defesa e justificação da ditadura militar em Portugal* de Pessoa, não levando em consideração que, neste último caso, o texto escrito no início de 1928 era sobretudo uma reacção a quente ao fim dos desmandos da 1.ª República. Quando Salazar chegou ao poder, Pessoa publicou vários poemas antisalazaristas, manifestou-se abertamente contra a proibição da Maçonaria e, como protesto, recusou-se a receber o prémio do Secretariado de Propaganda Nacional atribuído a *Mensagem*. Por tudo isto foi violentamente criticado na imprensa. Na “Nota Biográfica” repudia *O Interregno*, considera-o “não existente” e assume ser “conservador de estilo inglês [...] absolutamente anti-reaccionário”¹¹¹.

Quanto a Crowley, começou por ser expulso de Itália pelos fascistas, que viam nele um elemento destabilizador. A partir dos anos 30 deixou de se ver como o *high tory* da juventude e passou a identificar-se politicamente com o republicanismo americano. Quando começou a 2.ª guerra, juntamente com escritos exaltando a coragem da pátria, apoiou em especial Churchill, aconselhando-lhe a adopção de dois símbolos gestuais mágicos: O V da vitória, o oposto da cruz suástica, e o polegar erguido, o.k., a vitória fálica. De tal forma se tornaram populares que passaram a ser frequentemente usados em todas as competições, sejam políticas, militares ou desportivas. Com 70 anos, o “old man” fanfarronava, a quem o queria ouvir, que a Inglaterra lhe devia a vitória sobre os nazis. Permanece o facto de que Churchill lhe deu ouvidos, vá-se lá saber porquê...

¹⁰⁹ in DELL'ARIA, *op. cit.*, p. 91.

¹¹⁰ Citado por PASI, in BELEM, *op. cit.*, p. 64.

¹¹¹ V. nota 80.

4.3. Hipótese Iniciação.

Interesses iniciáticos de vária ordem permanecem escondidos neste encontro. Desde 1925 que Crowley estava empenhado em recrutar discípulos e em abrir Lojas da O.T.O. por todo o mundo. Quando é contactado por Pessoa, imediatamente se lhe dirige como “Frater”, ao que o poeta responde da mesma maneira. Este sabia que o mago era dirigente mundial de uma Ordem templária, mas o outro não podia inferir mais do que o interesse pelo oculto da parte do poeta, de quem nada sabia. Pessoa estava consciente da genialidade de Crowley, enquanto este teve de o conhecer para constatar o génio do poeta, dado que nunca pôde ler as obras em português.

Ángel Crespo defende a teoria de que Pessoa teria procurado Crowley para desenvolver a sua auto-iniciação¹¹². Dificilmente as suas características se coadunavam com a integração na O.T.O., mas o mago ignorava isso. Na carta de 22 de Dezembro, A. C. incluiu uma adenda que F. P. agradecerá na carta de 6 de Janeiro. Na carta de 14 de Janeiro, Crowley refere uma “message” (sublinhando que não é um “warning”) que precisa de ser esclarecida quando se encontrarem¹¹³. Até à data ninguém encontrou a adenda nem conseguiu identificar a mensagem. No entanto, há dois assuntos que podem estar relacionados com este enigma. Algum tempo depois, o mago escreveu no seu diário:

“I was obliged to leave immediately for Lisbon in order to establish there a headquarter for the Order under Don [sic] Fernando Pessoa”.¹¹⁴

Pasi não acredita que ele tenha conseguido. Eu também não, mas reconheço ser essa a intenção dele. Por outro lado, Pessoa terminou o seu segundo namoro com Ofélia em 11 de Janeiro. Tudo indica que “a obediência a Mestres que não permitem nem perdoam”¹¹⁵, já anteriormente responsável pelo fim do primeiro namoro, levava mais uma vez a melhor sobre o amor. Fernando seguia o caminho da iniciação. Daqui se conclui haver uma visível conjugação de interesses — o templarismo.

Há uma aparente contradição, apenas aparente, como todas as contradições pessoais, entre a carta a Adolfo Casais Monteiro, “não pertença a Ordem Iniciática nenhuma [...] simplesmente [...] me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus”¹¹⁶, e a “Nota Biográfica”, “Posição Iniciática: Iniciado, por comunicação directa de Mestre a discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta)

¹¹² in *A Vida Plural de Fernando Pessoa*, Lx., Bertrand, 1988, p. 365.

¹¹³ in BELÉM, *op. cit.*, pp. 13-15.

¹¹⁴ Citado por PASI, in BELÉM, *op. cit.*, p. 63.

¹¹⁵ Carta de 29 de Novembro de 1920, in *Cartas de Amor...*, p. 131.

¹¹⁶ Carta de 13 de Janeiro de 1935, in MONTEIRO, Adolfo Casais, *A Poesia de Fernando Pessoa*, Lx., I.N., 1985, p. 201.

Ordem Templária de Portugal”¹¹⁷. Num texto escrito depois da carta e antes da nota ele esclarece:

“Não podia legitimamente dizer que não tinha iniciação [...] insinuei que a tinha, quando falei de uma ‘preparação especial’ [...] Só posso pois dizer que pertenço à Ordem Templária de Portugal. Posso dizer, e digo, que sou templário português. Digo-o devidamente autorizado. E, dito, fica dito”.¹¹⁸

Tudo aponta para a teoria de Crespo, visto que se trata de auto-iniciação com a intervenção de um Mestre, e esse pode ter sido Crowley. Mas há outra possibilidade. Pessoa diz que a Ordem Templária está “aparentemente extinta”, ou seja, que os templários existiam em Portugal em situação de “dormência”. Assim, o projecto do poeta poderia ser reactivar a Ordem. Victor Belém considera que a Quinta da Regaleira, em Sintra, era um Templo Maçónico-Templário e a sede da O.T.P. É possível que tenha razão.

Trata-se do conhecido Palácio Milhões, que possui uma surpreendente estrutura simbólica¹¹⁹. Destaco apenas os três grandes núcleos: o poço com escadas em caracol, cujo fundo ostenta uma enorme estrela maçónica e dá acesso a várias galerias que conduzem à superfície em diferentes pontos da propriedade; a capela com cruzeiros templários, dedicada ao culto do Espírito Santo, uma crença cara ao templarismo; e a mansão em que se conjugam ambas as simbologias. Não é difícil concluir que se trata de um percurso de iniciação. O empreendimento datado do início do século foi supervisionado ao pormenor pelo dono, Carvalho Monteiro, indubitavelmente um iniciado. Em 1930 pertencia ao filho, que poderá ter herdado a vocação hermética do pai, pois suspeita-se que a Regaleira tenha sido um templo iniciático durante as suas vidas. No presente ano, a Câmara Municipal de Sintra adquiriu a quinta, prometendo abri-la ao público o mais depressa possível.

Ninguém sabe por onde andou Crowley nas várias visitas que fez a Sintra, nem quem era o “amigo” com quem jogava xadrez. Ele nada diz no seu diário. O único contacto que aqui tinha era Pessoa e foi ele quem lhe apresentou Ferreira Gomes e Raúl Leal e, obviamente, o “amigo” de Sintra. Seria Carvalho Monteiro? Terá havido uma reunião para reactivar a Ordem? Ou foi apenas conhecer a quinta e os confrades portugueses? Independentemente da resposta, Crowley não instalou a O.T.O em Portugal, até porque a essência do templarismo português é de tradição cristã.

Para o que nos interessa, a lei do arcano foi cumprida. Talvez nunca se saiba se foi um Mestre português ou se foi o inglês quem aprovou o grau iniciático de Pessoa, a respeito do qual também há

¹¹⁷ V. nota 80.

¹¹⁸ in Doc. 129-76 a 78 do Espólio de Pessoa, in BELÉM, *op. cit.*, p. 85.

¹¹⁹ V. ANES, José, “Digressão Hermética por uma Mansão Filosofal Portuguesa”, in *Vária Escrita*, Sintra n.º 1, 1994, pp. 89-112.

contradições. O poeta escreveu numerosos estudos sobre matérias iniciáticas. Em muitos deles nota-se a influência dos ensinamentos de Crowley, como no caso da definição da escala iniciática ideal. Recorde-se que a Astrum Argenteum tinha uma Ordem Externa, constituída por 11 graus e 13 situações, e uma Ordem Interna, constituída pelos 6 graus superiores da outra. Pessoa chama àquela Ordem Interna e a esta Segunda Ordem. Ao afirmar possuir os três graus menores, não diz de que Ordem. Na primeira corresponde a Neófito, o qualificativo com que tantas vezes se definiu, mas que pode ter sido usado como sinónimo de aprendiz. Na segunda corresponde a Adeptus Exemptus, o grau que precede o de Magister Templi:

“quando se encontra preparado para se libertar da reencarnação, o que acontece (uma vez passado o Abismo) [...] se for capaz disso [sublinhado nosso]”.¹²⁰

Trata-se da temida travessia do Abismo, que torna o iniciado perfeito ou monstruoso, conforme o seu nível de desenvolvimento interior:

“Perfection includes the idea of balance [...] to cross the Abyss is a permanent and fundamental revolution in the whole of one’s being [...] Much more upon the brink of the Abyss, if there be a missing or redundant even one atom, the entire monstrous, the portentous mass must tend to move with irresistible impact in such direction as to restore the equilibrium”.¹²¹

Quando se passa o Abismo, destroem-se todas as formas de ego (mesmo a primeira encarnação) e renasce-se unido ao Todo (renúncia à dualidade — a díade do Abismo, representada por Virgem e Escorpião) em perfeito equilíbrio (através de Balança, que une a díade). O equinócio do Outono é o melhor símbolo desta passagem: ponto de perfeito equilíbrio entre as trevas e a luz, entrada do signo de Balança, início da noite outonal, quando as trevas se vão sobrepondo à luz, tal como o Adepto precisa de morrer para o Mestre nascer.

Israel Regardie escreve em *The Eye in the Triangle*, que todos os problemas de Crowley provinham do facto de a sua travessia do Abismo não ter sido perfeita. Por outro lado, se o terceiro grau da O.T.P. é o de Adeptus Exemptus, e assim pensa a maioria dos especialistas, Pessoa encontrava-se à beira do Abismo.

Segundo a “hipótese iniciação”, no dia do equinócio houve um ritual mágico. O ser essencial de Crowley, Tu Li Yu, mergulhou no abismo oceânico do país do Ocidente, o “Sidh” dos celtas da Finisterra, ponto cardeal que recusavam, pois para eles era o além, a terra dos

¹²⁰ in Doc. 54A-47/50 do Espólio de Pessoa, publicado por CENTENO, Y., in “Duas Notas Inéditas de Fernando Pessoa”, in *Actas do Colóquio Les Templiers, Le Saint-Esprit et L’Age d’Or*, Tomar, 1985, pp. 27-31: p. 31.

¹²¹ in CROWLEY, *Magick without tears*, p. 112.

deuses e o paraíso das almas, “el Más Allá”¹²². A mensagem que deixou para Hanni (L.G.P.) demonstra que se trata de um suicídio alquímico por amor:

“I cannot live without you”. Viver sem a minha outra metade não é viver. O masculino precisa do feminino.

“The other ‘Boca do Inferno’ will get me” — Vou deixar de ser este Eu e mergulhar na totalidade (Abismo) — na água feminina (Boca) e no fogo masculino (Inferno) —

— it will not be as hot as yours!” Só com o teu amor estarei mais perto da perfeição. Só tu me dás a verdadeira totalidade.

Não há dúvida de que as mulheres desempenhavam um papel fundamental na vida de Crowley. Ele aprendera por experiência própria que sem o Amor não chegava a Deus. Entre ele e a amada tinha de haver uma união perfeita, uma transmutação alquímica em que o amante se transforma na amada e a amada no amante, criando um novo ser andrógino: yin + yang, sol + lua, retorno à unidade primordial. Sem a presença do feminino, ele vivia num dualismo insuportável, numa insatisfação permanente.

Segundo o seu diário, quando Hanni se descontrolou e o abandonou, ele executou vários rituais para reconsecrar o amor, mas sem resultado. Quase desesperou com a sua ausência. Quando ela partiu, resolveu “suicidar-se”, i.e., executar um ritual muito mais poderoso — enfrentar o Abismo e renascer mais perfeito. No dia seguinte, via telégrafo, recebeu de Hanni uma única frase: “Love is the Law, Love under Will”. A vontade do mago dominara o amor.

Pessoa, usemos as suas palavras, não foi capaz de mergulhar no Abismo. Era um verdadeiro nativo do signo de Gémeos, regido por Mercúrio/Hermes. A inestética encarnação do deus Thoth/Hermes, Ibis, seu ser essencial, foi sempre mais forte. Já antes Ibis triunfara sobre o amor, porque não era esse o universo alquímico de F. P., mas sim o da magia intelectual, o da criação poética. Yvette Centeno sublinha esta característica:

“A alquimia de Pessoa é [...] a alquimia do Verbo. [...] O seu caminho é o da busca e da multiplicação desvairada, o do rebatamento [...], o da dissolução no mar, na vertigem do abismo do inconsciente. Inconsciente que é preciso ordenar pela palavra”.¹²³

O poeta deseja que Ibis desapareça na Boca do Inferno, mas nunca acredita que lhe possa sobreviver. A grande diferença está em que o mago crê no seu poder e o poeta não. No início de Outubro de 1930, Pessoa fez uma magnífica tradução do “Hymn to Pan”¹²⁴, um poema

¹²² V. NIETO, S. HERMIDA, J., *Viajes Esotericos*, Madrid, Temas de Hoy, 1994.

¹²³ in “A filosofia hermética na obra de Fernando Pessoa”, in *Fernando Pessoa: Os Trezentos e outros ensaios*, Lx., Presença, 1988, pp. 91-110; p. 109.

¹²⁴ O poema é inspirado no homónimo de Sófocles. Na literatura clássica grega existem muitos outros casos, alguns bastante populares, p. ex., o de Arato de Sólis. A tradução de Pessoa foi publicada na *Presença*, n.º 33, Julho de 1931, p. 11.

mágico escrito por Crowley em 1913. Na mesma altura compôs “O Último Sortilégio”, um poema sobre magia. No primeiro, o sujeito invoca a divindade primordial e ordena e exige a obediência dos elementos à sua vontade: veja-se a repetição do imperativo, “come”, “make”, “give”. No final, ele já é Pã, está transmutado, faz parte do Todo¹²⁵. No segundo, o sujeito lamenta a sua falta de poder, lança um apelo desesperado e exprime um desejo: veja-se a repetição de “já não” e o uso do conjuntivo “que eu seja”, “que eu me converta”. Não há união com o Todo, apenas o anseio. O poeta não estava preparado para mergulhar no Abismo, embora fosse esse o seu maior desejo: a total despersonalização, o ser tudo nada sendo. Ángel Crespo diz que a iniciação frustrada é a causa do desassossego em que vivia:

“tendo Pessoa recorrido as etapas da iniciação, ainda que não todas, intelectualmente, esteve longe de as percorrer corporalmente”.¹²⁶

O dia “triumfal” da vida de Pessoa, quando em transe compôs os poemas de Alberto Caeiro, pode comparar-se aos dias “triumfais” da vida de Crowley, quando em transe compôs *The Book of the Law*. O poeta chamou-lhe “iniciação suprema, [...] a iniciação divina [...] que fez Cristo [Magus [...]] e Shakespeare [Gênio]”¹²⁷, a iniciação dependente da escolha de Deus para a revelação ao mundo da Sua Palavra. A primeira fez o Supra-Camões; a segunda fez o Profeta do Novo Aeon.

É como se Fernando Pessoa tivesse dois níveis de vivência em simultâneo: o da mente, onde se encontrava no grau de Magus e era um Gênio da literatura; e o da realidade, onde se encontrava paralisado no grau de Adeptus Exemptus e preferia a multiplicidade à entrega total. Uma ambivalência angustiada que não se cansou de descrever: “Entre o sono e o sonho, entre mim e o que em mim é o quem eu me suponho, corre um rio sem fim”. Lamentavelmente, nunca conseguiu unir as duas margens.

Tudo isto pode ter acontecido no encontro, que não confronto, entre os dois iniciados. Na imagem que prevalece, visualizo Pessoa e Crowley nos rochedos da Boca do Inferno, contemplando o Abismo que individualmente lhes faltava atravessar, em busca do Equinócio Supremo.

5. Memorando.

Do ponto de vista puramente racional, a visita de Crowley a Lisboa foi uma entre tantas empreendidas pelos ingleses das classes mais elevadas que, desde o século XVIII, procuravam o nosso clima para

¹²⁵ No cartão personalizado de Natal, ou seja, das festas do solstício de Inverno, Crowley punha no verso o “Hymn to Pan” e no anverso o arcano O do Tarot, “The Fool”. O significado é óbvio: para chegar ao todo é preciso passar pelo nada.

¹²⁶ in CRESPO, *op. cit.*, p. 407.

¹²⁷ V. nota 81.

curar as maleitas. Sir Crowley tomou banhos de mar e de sol, deu longos passeios, instalou-se no Estoril e desvaneceu-se com Sintra. Tudo muito inglês. Não escreveu um relato de viagem, mas pintou vários quadros.

Só que o prezado turista saiu melhor do que a encomenda. Depois do escândalo no hotel, onde deixou contas por pagar, o seu nome começou a aparecer nos jornais. A *vox populi* dizia que o pobre romântico se tinha suicidado porque a amante o abandonara, sussurrava da má reputação da figura, vejam lá que era amigo daquele poeta tão estranho, que contou à Polícia uma história muito mal contada, estava bom de ver, os dois juntos devem ter algum segredo...

Em abono da verdade, os portugueses estavam há muito habituados à excentricidade inglesa. As fortes instituições da sociedade britânica sempre toleraram o individualismo radical, quando este não constitui um perigo para elas¹²⁸. Crowley encontrava-se nos limites dessa tolerância. Por outro lado, para se ser considerado excêntrico em Portugal, bastava ser artista, fugir um pouca à norma e dar-se com gente de moralidade duvidosa. O pensativo Sr. Pessoa produzia nos seus compatriotas essa sensação de estranheza.

Faltava à história das centenárias relações luso-britânicas um encontro como este. Do excêntrico encontro resultou para a posteridade um excêntrico quebra-cabeças, comprovando que a excentricidade pode ser apanágio do génio. A mistificação ("Diabol") resguarda a autenticidade ("Simbol"). Quanto à chave do enigma, permanece com os protagonistas.

**Este artigo é dedicado à Princesa Diana,
a lua da monarquia britânica.**

¹²⁸ V. TIMPSON, J., *English Eccentrics*, Norwich, Jarrold, 1991.